

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



SUMÁRIO

REDAÇÃO: Educação Sanitária. — **COLABORAÇÃO:** Atonia Mental, *Aimoré Dutra*. — Dramatizações Escolares, *Antonio Benedito de Carvalho*. — Os Projetos Pedagógicos, *Irene de Paula Magalhães*. — Denominações que precisam ser mudadas, *Julieta Pinheiro Teixeira da Cunha*. — Educar e instruir, *Levindo Lambert*. — Biblioteca Infantil, alma da Escola Primária, *Nair Starling*. — Cantinas Escolares, *Oscar Artur Guimarães*. — **TRANSCRIÇÕES:** A vida musical nas Universidades Americanas, *José Vieira Brandão*. — Formação do Professorado, *Francisco Venâncio Filho*. — Mensagem aos Professores, *Otávio Vejar Marques*. — Importância do Diagnóstico Educacional, *Margaret Hall*. — Formação do Magistério Secundário, *Lourenço Filho*.

HOMENAGEM DE “REVISTA DO ENSINO”



Prof. Firmino Costa

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação

Educação Sanitária

O ENSINO DA HIGIENE NAS ESCOLAS



A educação sanitária realizada nas escolas não se limita ao campo estreito das atividades escolares, mas terá de ser ampliada, de modo que a escola se possa converter em agente eficaz para o desenvolvimento dos aspectos sociais da medicina preventiva, tanto na própria escola, como na família e na sociedade.

Os higienistas americanos que se têm preocupado com a educação higiénica nas escolas acentuam que a maior contribuição que os mestres podem oferecer para a implantação de hábitos sadios entre os escolares é captar a cooperação dos pais para a solução do problema.

A professora pode ser infatigável e perseverante na inspeção de certos hábitos higiénicos, pode ser dedicada e paciente na sua tarefa, mas se os pais não cooperarem com a mesma atenção, grande parte do trabalho resulta ineficaz. Vários processos poderão ser utilizados para conseguir-se essa cooperação e que já constam das atividades extra-escolares dos clubes e associações que mantêm a escola em permanente ligação com o meio social.

Um problema dos mais importantes a respeito da higiene escolar refere-se à nutrição das crianças, indispensável à criação de condições favoráveis à instrução. Ora, esse programa de nutrição não terá o seu necessário e útil de-

envolvimento se lhe faltar a colaboração ativa e inteligente do lar.

Um serviço de excepcional importância relativo à profilaxia das moléstias contagiosas e que pode ficar sob o patrocínio das associações escolares em cooperação com as autoridades sanitárias é o trabalho da vacinação preventiva dos pré-escolares. É certo que se observa freqüentemente a tendência de protelar a vacinação contra certas doenças transmissíveis até a época do ingresso das crianças na escola, embora muitas de tais moléstias incidam de preferência na idade pré-escolar. É o que acontece, por exemplo, com a difteria, que ataca, principalmente, as crianças de 3 a 6 anos. Por isso mesmo, uma valiosa contribuição que a professora pode trazer à melhoria da saúde pública é procurar interessar na prática de medidas preventivas todos aqueles que estejam sob a influência de sua ação educativa.

Nenhum programa de higiene pode ser executado sem o espírito de cooperação.

Na escola afirma-se o alicerce da personalidade, mas no espírito da criança somente a perseverança dos hábitos saudáveis pode criar a responsabilidade de cada indivíduo em face dos seus deveres sociais.

Só depois que uma educação sistemática conseguir uma perfeita conjugação de esforços da escola e do lar é que poderemos conseguir resultados definitivos no tocante à formação de hábitos higiênicos.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária).

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Variola

É preciso que o povo se convença de que só tem variola quem quer porque a vacina preventiva, distribuída pelos Centros de Saúde, está ao alcance de todas as pessoas.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)

Atonia mental

AIMORÉ DUTRA

Temos observado, em grande percentagem de estudantes de todos os graus de educação ou de instrução, um estado de receptividade negativa a que poderíamos chamar muito propriamente — *atonia mental*.

Isso não significa falta de inteligência nem ausência de disciplina, assim como não é, ainda, e felizmente, um característico típico de malandragem.

Que significa, então, essa *atonia mental*? Em que consiste? Como surge? Como se desenvolve? O tema é um tanto complexo. Suas rês de contacto obedecem a mecanismos tão sutis como os próprios processos fisiológicos da nutrição.

Quem nos poderá dizer por que passes de magia a natureza colhe e seleciona, pelas teias quilíferas, os diversos elementos que transforma em nervos, ossos, músculos e humores?

Se é assim nos domínios objetivos das ciências experimentais, em que os instrumentos de indagação se manobram com precisão mais ou menos prática, — no terreno psicológico o esforço deve ser muito maior para que se estude, com alguma aproximação, a gênese dos fenômenos. A atenção colhe, a inteligência assimila, o exercício fixa, — mas só o raciocínio, — operação das operações, — aproveita e utiliza os conhecimentos.

Só êle retém, — utilizando-se, ainda, o símile fisiológico da nutrição, — as vitaminas que irão dar sustância e vibração superior às operações de ordem mental.

O hábito de comer muito não é que produz a nutrição. Pode o alimento ser ou não ser nutritivo: — o que importa, em grande parte, é a hora de comer e o modo de comer.

Igualmente, o hábito de estudar muito não é que faz o homem de cultura. O que importa é a hora de estudar e o modo de estudar.

E' por isso que o homem de um livro só é sempre respeitado. Existem indivíduos que tiram grandes resultados de dois instrumentos acessórios, nas essências dos conhecimentos — a inteligência e a memória.

Outros que não podendo manejar tais instrumentos nem isolada nem alternadamente, conseguem, ainda, vitórias espetaculares pela virtude da paciência e da obstinação.

Mas no fim das contas são, todos eles, organizações livrescas envernizadas de uma cultura justa, posta e perigosa como se asas de Icaro.

* * *

Nossas professoras precisam ter, no início das suas tarefas sagradas, uma vigilância também sagrada para darem às mentes embrionárias que lhes são entregues os primeiros estímulos com as primeiras iniciativas — que implantam o hábito de refletir.

Ensinar a ler, escrever, calcular, desenhá-lo — tudo isso é coisa muito fácil.

Mas ensinar a aplicar êsses conhecimentos demanda ter-se iniciado o ensino mais importante de todos e que é o de verificação dos conceitos — por isso mesmo o mais difícil. Geralmente uma professora julga-se diminuída no seu valor técnico, profissional ou cultural, quando se lhe entrega uma classe de primeiro ano novato. Confessamos que essas classes só devem ser entregues, a nosso ver, às mais cultas, hábeis e dedicadas docentes de um estabelecimento.

Nenhum material humano-pedagógico exige maiores predicados didáticos do professor que essa massa amorfa, instável, refratária e dispersiva.

De outro modo a classe ficará estagnada na rotina melancólica de só reconhecer sons e garatujas — e isso pode dar origem a um estado tal de saturação que o menos que dê resulta é a idiosincrasia por tudo que se relaciona com a escola.

Dêsse estado virão, naturalmente, as alergias provocadoras da *atonía mental*.

O educando de hoje tem uma cópia muito mais vasta de solicitações externas que o educando dantanho.

O rádio, o cinema, os desportos chamam-no constantemente e de modo que êle não tem tempo de concentrar-se em outras coisas.

Sua vida é muito mais intensa, movimentada e torturada que a de seus pais e a de seus avós. Fixar o seu pensamento, reter a sua atenção, coordenar os seus conhecimentos de modo que êle possa utilizá-los vantajosa e imediatamente é, por conseguinte, missão importantíssima que não pode e não deve ser negligenciada por nenhum educador consciencioso.

E' preciso habituar-se a pensar.

Mas pensar em quê? Pensar como? Que são as idéias das crianças? Como se poderá provocá-las? Essas perguntas surgem-nos porque nós esquecemos que as idéias das crianças podem ser muito mais profundas e lógicas do que as nossas, que são amassadas, torcidas e adulteradas por um sem número de convenções.

O que interessa ao educador não é impor idéias às crianças mas provocá-las e colhê-las.

Está claro que não devemos exigir delas interpretações dogmáticas disto ou daquilo.

A criança é, até certo ponto de vista, um ser irracional porque a concepção dogmática do raciocínio, segundo as pretensões humanas, implica as noções universais da ética e da

moral e a criança é amoral. O que ela sabe dessas cousas sabe-o por insinuação ou contágio.

Não é, portanto, nesse caminho que iremos colocá-la e segui-la.

É no campo dos axiomas, dos conhecimentos primários, das verdades evidentes para que ela tire delas aquilo que lhe possa servir imediatamente.

Por exemplo: se existem três caminhos para chegar-se a certo lugar qual deve ser o mais fácil? Por quê?

Outro exemplo:

Conte-se a crianças de sete anos e de tipo mental médio uma história em que um caçador caçou peixes com espingarda e cachorro e fez um belo jantar acendendo fogo com tições de gelo.

Nenhuma delas acreditará na história se não como lenda, fantasia, — conto de carochinha.

Por quê? as noções primárias sobre caçadas, sobre peixes, fogo e gelo impedem-nas de receber e aceitar idéias intrusas que se queiram inculcar como verdadeiras.

* * *

Se é assim, as primeiras aulas, os primeiros contatos com a classe, devem ser no sentido de se espicaçarem essas pequeninas chamas do entendimento, exercitando-as nos jogos de seleção entre o possível e o absurdo — de treino entre o diferente, o semelhante e o igual, entre a verdade a fantasia, o erro, a dúvida e a certeza.

Há uma cópia tamanha de recursos nesses rumos metodológicos, — uma tão variada e imprevista sucessão de coisas interessantes que podem dar agilidade e precisão à mente das crianças — que se não compreende possa uma professora igualá-las.

Dessa ignorância, desse descaso e dessa omissão — contágio que mata classes e inutiliza preceptores, — é que surge a rotina estioladora dos mais belos e vívidos céus da aprendizagem.

Esse comportamento de quem ensina é, em grande parte, a explicação para o fenômeno da *atonía mental* que se nota entre as crianças de muitos educandários de grau primário, secundário e mesmo superior.

O educando estuda para fazer exames e não para fazer consciência do que vai aprender.

Com esse objetivo memoriza as lições e *cola* as provas, — quando a memória nega fogo.

Na vida prática será sempre um caso perdido.

A escola primária é a responsável por esses fracassos.

Ela não insuflou, de início, o hábito de refletir.

Negligenciou o dever de ensinar a duvidar — caminho certo para ensinar a indagar com interesse, persistência e êxito.

Criou um doente psicológico, — porque enquistou no indivíduo a preguiça de indagar, a pressa de concluir, o comodismo das fórmulas consagradas, enfim, a diátese da *atonía mental*.

AIMORÉ DUTRA

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da
"Revista do Ensino" são vendidas a
Cr\$ 50,00 cada uma. Pedidos à Direção.

Dramatizações escolares

ANTÔNIO BENEDITO DE CARVALHO

Seria um erro de conseqüências desastrosas dar-se a escola exclusivamente à tarefa de instruir, esperando que a educação brotasse em conseqüência da instrução, e grave seria também educar apenas, à espera de que a instrução despontasse conseqüentemente. Por isso não tomamos ao pé da letra a afirmativa de alguém, segundo a qual "não há educação sem instrução, como inversamente não há ensino que não eduque."

Sem dúvida, a educação constitui a obra prima da escola, mas não se pode negar a esta a duplicidade de seu objetivo, para cuja consecução muito concorrem as dramatizações escolares.

Uma instituição ou uma atividade cujo raio de ação permanecesse dentro da esfera da transmissão de conhecimentos, falharia à tarefa imposta pelos próprios destinos naturais e sobrenaturais do homem e pela complexidade do mecanismo e das situações sociais do mundo de nossos dias.

Importa fazer mais do que dar informações, porque cumpre despertar a consciência do dever, o espírito de iniciativa individual, o prazer da cooperação, o senso da responsabilidade e tantos outros valores indispensáveis ao ser humano como indivíduo racional e como membro de uma coletividade.

Falamos em iniciativa individual e cooperação, palavras estas que parecem cousas localizadas nas extremidades de dois polos opostos, com antagonismo flagrante. E' aparência apenas, pois uma e outra coisa servem para manter o perfeito



Grupo Escolar de Bicas - Crianças do 3º ano cuidando da horta escolar.

equilíbrio de ação, da mesma forma que duas forças iguais e contrárias, atuando em determinado ponto do organismo, sustentam-lhe a harmonia, e cada qual serve de contra-pêso à outra, mantendo o equilíbrio orgânico na marca de seu "fiel". Uma é corretivo da outra, impedindo os seus excessos e dominando-lhe as extravagâncias. Se apenas se cultivasse a cooperação, qualidade nitidamente social, o homem poderia matar a sua individualidade.

Vem a iniciativa, impedindo o esquecimento de si próprio, firmando a personalidade, mas, por outro lado, se apenas se cuidasse da segunda das qualidades referidas, com o fim exclusivo de beneficiamento individual, a sociedade poderia converter-se num montão de peças soltas e desconexas, com movimentos chocantes e desarticulados.

As dramatizações podem efetivamente concorrer para se alcançarem os altos fins educativos propostos à escola, dependendo isso da maneira pela qual se preparem essas atividades.

Realizadas com a observância dos princípios pedagógicos sôbre que devem assentar-se, não deixarão de apresentar resultados satisfatórios.

O resultado de um trabalho condiciona-se, em grande parte, ao plano que, em vista da finalidade, tenha sido traçado e executado.

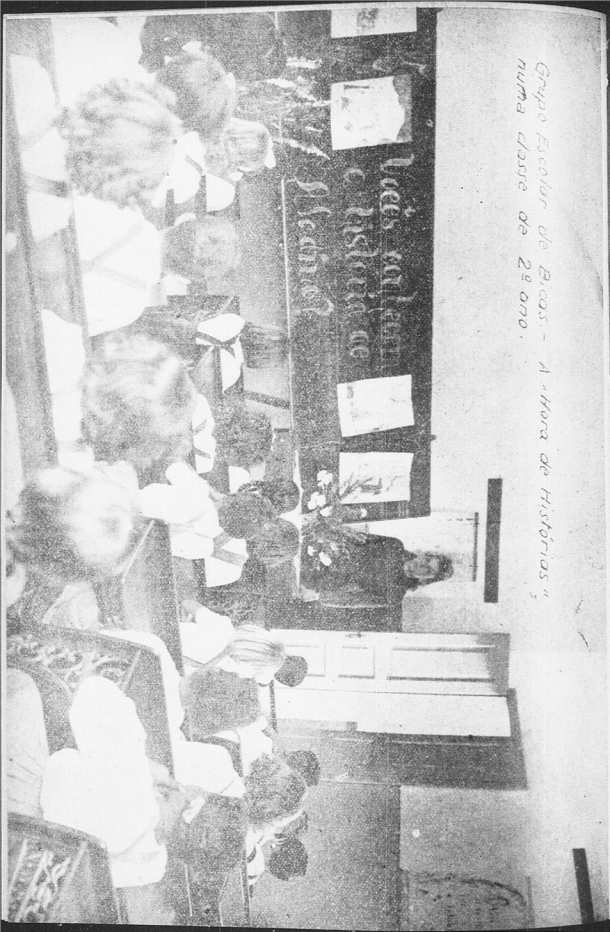
Estabelecer claramente o objetivo é condição para a escolha do processo e a êste estão subordinados os frutos.

Vê-se, portanto, que, se o professor, desconhecendo os fins das atividades, não estabelece a linha do trabalho de orientação, tudo poderá ser realizado sem grande proveito e até mesmo converter-se de meio em fim.

A dramatização deve seguir um plano em que figuram duas etapas:

a) preparo; b) realização. Na primeira encontram-se: a) fins; b) motivação; c) processos que devem ser seguidos em vista dos fins.

No preparo reside a parte mais rica do trabalho e em cada uma das subdivisões em que se decompõe não precisa-



Grupo Escolar de Bicos - A "Hora de Histórias" numa classe de 2º ano.

mos deter-nos em explanações, porquanto elas se explicam pela própria denominação.

Os valores da realização, embora existentes, são mais reduzidos.

Valores para a instrução

Inicialmente as crianças deverão escolher o assunto da dramatização.

Sem o domínio da matéria, estarão fadadas a um fracasso inevitável.

Quanta oportunidade se apresenta nesse momento para os alunos se instruírem! E isso, numa situação natural, porquanto nascida do desejo de dramatizar, o que, de seu turno, obedece a uma tendência espontânea da criança, pois esta, vivendo sempre os seus brinquedos, a todos vitaliza, anima os próprios seres inanimados, diante e em companhia dos quais gesticula e fala e imita.

Para dominar a matéria, o escolar terá de estudá-la com interesse e atenção, concentrando tôdas as suas atividades no ponto que tem em mente.

Nesse estudo, adquirem-se informações, o vocabulário alarga-se, fatos novos incorporam-se aos velhos conhecimentos, a expressão adquire tonalidades próprias e corretas, as estruturas ampliam-se e todo o cabedal de conhecimentos sente-se crescido e beneficiado.

Valores para a educação

Julgar exige treino, que o preparo das dramatizações pode promover. Não é qualquer assunto que se presta a uma atividade dessa natureza. Importa escolher e escolher é julgar, assim como julgar é criticar.

Para ver se a peça ou o assunto serve ou não, a criança terá de pôr em jôgo as suas capacidades mentais, dando-lhes exercício e hábito, e estabelecendo a relação lógica dos atos.

Analisando, comparando, relacionando, rejeita ou aceita, diante da inconveniência, passando a ver as cousas na cadeia de suas relações lógicas.

O espírito crítico que se vai ganhando é sobremaneira necessário para se fugir à creança que a falta do mesmo em-presta à superficialidade, e para trazer o hábito de ver o valor real de tudo, sem se estabelecer uma confusão de valores entre o essencial e o acidental.

Dando o senso do julgamento e da crítica, a escola está preparando para a vida, pois durante tôda ela o ser humano se vê cercado de situações que reclamam o confronto de juízos para o pronunciamento de uma decisão. Não só a escolha da matéria concorre para isso. A distribuição dos papéis aos alunos a que mais se adaptam, reclama todo o trabalho do pensamento precedente às conclusões finais e definitivas.

Iniciativa

Na vida diária, a cada momento se nos apresentam pessoas fracassadas e vencidas, cuja infelicidade corre às vêzes por conta exclusiva de falta de iniciativa, com sérios prejuízos de ordem particular e também coletiva. Se a iniciativa é uma qualidade individual, tem, contudo, reflexos no organismo social, de que cada indivíduo é uma peça.

Uma sociedade formada de homens sem decisão e sem capacidade de realizar, seria pobre e infeliz, condenada, pelos próprios membros, ao estacionamento mais impressionante.

Nas dramatizações, essa qualidade é solicitada a cada momento e dela têm de valer-se os escolares na procura dos fatos, na escolha das fontes informativas, no uso das próprias habilidades, na substituição de certas cousas, na remoção de dificuldades, no estabelecimento do arranjo geral.

Cooperação

Nas dramatizações, comumente a tarefa não é de um apenas, mas de todo o grupo. Em virtude de todos desejarem a realização do plano traçado, e que é seu, todos trabalham na convergência do objetivo comum.

Que belo espetáculo se nota quando a classe inteira, qual colmeia viva e palpitante de atividade, movimenta-se, cada membro realizando o que lhe cabe, esquecido de si, e com os olhos fitos na finalidade comum, aprendendo no próprio exercício e no treino a praticar a solidariedade.

As crianças, sabendo que de cada uma delas depende o êxito da realização, e porque desejam uma apresentação boa, empregam suas energias para êsse fim. Além disso, a cooperação tem seu fundamento no mesmo instinto gregário da criança, que não gosta de ficar sôzinha. E quem vive em sociedade, tem de dar algo de seu para ela.

Aí o menino tem oportunidade de verificar que seu trabalho individualmente pode valer pouco, mas, integrado na comunhão escolar, muito representa.

São os próprios fatos que provam o valor da solidariedade humana.

Senso de responsabilidade

A noção de responsabilidade prende-se estreitamente ao cumprimento dos deveres e ao desempenho do compromisso assumido.

Como personagem da dramatização, o aluno vê-se integrado nela, pois o que se realiza, se é de todos, é seu também. Releva notar que muitas pessoas existem, conhecedoras de seus deveres e de suas responsabilidades e descuidadas de lhes dar cumprimento. Não é, portanto, o mero conhecimento dessas obrigações que constitui garantia segura de seu desempenho.

A criança poderá, em muitos casos, saber o que lhe cumpre fazer e deixar de realizá-lo. Os caprichos da natureza humana são muitos e poderosos, e a vitória sobre eles exige uma vontade firme, sustentada pela formação e vida interiores. A firmeza de vontade adquire-se no exercício e na ginástica do querer.

Se a direção do mestre não se faz de maneira segura, as melhores oportunidades para a educação, no tocante à noção

de responsabilidade e dever, perdem-se desastrosamente. O melhor meio de se inculcar a noção em aprêço é fugir ao plano verbal, levando-a para o concreto e para a esfera da ação.

Ensina-se a nadar pela prática da natação; aprende-se a ser honesto pelo exercício da honestidade, fundamentado no amor de Deus.

A dramatização é excelente meio para êsse fim, e nela o escolar vê que é responsável pelo êxito dos trabalhos, e, mais do que isso, sente, numa situação real, a necessidade de cumprir o compromisso, direta ou indiretamente assumido perante os colegas.

Não se trata aí de uma lição verbal de honestidade, porque é a mesma prática dessa alta qualidade, em nome da qual a criança vai estudar e instruir-se para não faltar à confiança dos companheiros, vai apresentar-se com a pontualidade necessária. Não é verbalismo que impera, mas é o treino do caráter, dessa qualidade que parece ter desaparecido da sociedade de nossos dias, num contraste doloroso com o assustador progresso material de nossa era, em que os homens, esquecidos de Deus, esquecem-se conseqüentemente da necessidade da vida exemplar interior da retidão de conduta e da dignidade pessoal.

Temos para nós que, se não se cuidar seriamente do retemperamento das energias morais da sociedade, para o que a obra da escola é tão poderosa, as ondas do mal tentarão, num combate sem precedentes, envolver e sobrepujar as correntes do bem ou só não conseguirão êsse objetivo por um milagre do céu.

Preparo para a vida

Tôdas as qualidades citadas e muitas outras que implicitamente aí se vêem são indispensáveis ao homem na sua vida, em que, a par com situações individuais, que reclamam solução, apresentam-se as coletivas. E, como as dramatizações promovem o exercício de qualidades necessárias ao

homem como tal e como cidadão, segue-se, num sentido verdadeiramente lógico, que essas atividades escolares, se pedagógicamente encaminhadas, preparam para a vida.

E' o facto do mestre, é a sua arte, é o seu espírito, é a sua cultura, é a sua formação moral, é tudo isso que vai decidir o resultado de uma atividade tão rica em valores, qual a dramatização escolar.

A escola não tem o fim de preparar apenas um homem para a vida, mas todos os que se põem sob seus cuidados. Resulta daí que todos os escolares devem ter oportunidade de participar das atividades, pois sem isso os resultados poderiam ser contraproducentes, gerando o espírito de superioridade em uns e o de temor e desânimo em outros.

Realização

Dissemos, linhas atrás, que no preparo de uma atividade educativa está o maior número de valores, e efetivamente assim é. Não quisemos inculcar, porém, a inexistência de qualquer utilidade na própria realização.

O treino da apresentação em público, a atitude de respeito nos assistentes, a aquisição de fatos e conhecimentos pelos elementos presentes, o despertar de sentimentos nobres através da apresentação de feitos dignos de admiração, tudo isso constitui altos valores que se apresentam nessa etapa das atividades. Além disso, a crítica construtiva da apresentação, que tanto disciplina o espírito, só poderá ser feita posteriormente à realização e como consequência desta.

Caracterização

A caracterização não é, em rigor, indispensável, mas contribui enormemente para realçar o sentido do fato dramatizado, dando-lhe mais alma, mais expressão, mais vitalidade, e aproximando-o da realidade.

Tratando-se de um fato histórico, é de um efeito surpreendente a caracterização, pela qual a criança se transporta mais

fácilmente, em espírito, à própria época em que se verifica, vivendo mais facilmente as emoções que o envolvem.

Duas dificuldades surgem, todavia, no arranjo dos trajés: a) o perigo do ridículo; b) o dispêndio com a aquisição do material necessário.

Nas nossas escolas, sempre pobres excessivamente, é preciso educar também para a economia, reduzindo-se ao mínimo as despesas, e, se a escola não considera êsse aspecto da educação, falha num de seus pontos importantes. Quanto ao ridículo, uma realização que a êle conduzisse, não seria apenas indiferente, mas decididamente deseducativa, convertendo a obra da escola em tarefa de demolição.

O senso do professor ditará o momento e a oportunidade em que aquêles dois perigos possam ser conjurados. E' certo, porém, que melhor seria uma atividade sem caracterização do que submeter as pobres crianças a uma palhaçada ou a gastos irrazoáveis, com prejuízos para a educação.

Considerações gerais

No verdadeiro sentido pedagógico, dramatizar não é representar teatro, com papéis mecânica e inconscientemente colados na memória.

Arranjadas pelas próprias crianças, as dramatizações desenvolvem a sua linguagem; a iniciativa e a cooperação se beneficiam; o pensamento alarga-se, a responsabilidade pratica-se na sua significação real. Importa, contudo, sejam elas realmente infantis e não tenham o cunho de cousas cuidadosamente preparadas por adultos. E' preciso que essas atividades escolares não entrem a espontaneidade da criança, o que estaria em flagrante paradoxo com seu objetivo, e, sim, surjam do espírito infantil dos mesmos escolares.

As exibições a que se cola um falso rótulo de dramatizações, mas que no fundo são enfadonhos trabalhos de memória apenas, ao invés de desembaraçar o aluno, alargando-lhe os horizontes, cultivando-lhe as qualidades individuais e sociais merecedoras de atenção, educando-lhe a personali-

dade, — sufocam o desabrochar dessas mesmas qualidades e geram a falta de naturalidade, expressa em situações e gestos forçados, levando a pobre criança ao ridículo e fazendo-a sentir repulsa, aliás justa, por essas extravasâncias escolares.

Se quando, bem norteadas, essas atividades são poderosas e ricas fontes de desenvolvimento geral, o contrário se observa se a professora, não se contentando com o trabalho de orientação prudente, tudo organiza e faz para os alunos.

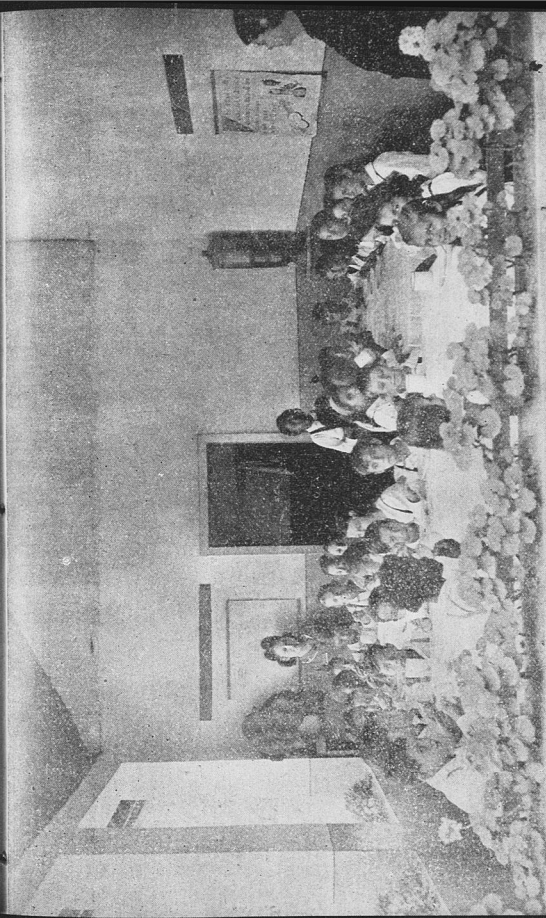
Se o professor é quem escolhe o assunto e o transmite em forma de pontos indigestamente tragados, se é ele quem escolhe os personagens, se o mestre realiza todo o trabalho, se nada põe em discussão, se não encaminha as crianças na colheita de informes, se não ativa a colaboração de todos, — seu trabalho seria mais digno de uma escola onde instrução, iniciativa, colaboração, julgamento e educação geral fôssem expressões de sentido negativo e morto.

Se o desenvolvimento deve surgir de dentro para fora, isto é, se precisa nascer da própria criança, como se compreenderia uma atividade escolar, empurrada pelo mestre de fora para dentro?

Quem assim age, supõe que as dramatizações têm fim em si mesmas, quando, na verdade, o seu sentido é bem mais profundo, porque elas são meio, e apenas meio, para se atingirem certos fins.

Como desenvolver a linguagem da criança pelas dramatizações, se através dos papéis memorizados o adulto fala para ela, deixando ao menino apenas o secundário papel de porta-voz?

Não é pedagógico nem humano forçar a memória da criança a reter, num trabalho exaustivo, palavras escritas por outrem e talvez ócas de sentido para ela. Trabalho assim realizado, além de insuportável para quem assiste, é cansativo para quem o realiza e, como consequência lógica, faz desaparecer, com o interesse infantil, uma rica oportunidade para a educação.



Grupo Escolar de Bicas. — A hora alegre da merenda.

Quando se diz que o trabalho é do aluno e não do professor, não se pretende inculcar que este deva ficar absolutamente alheio ao labor infantil.

O que se exige é discreção de sua parte, com observação, a nosso ver, do seguinte:

- a) limitar-se ao trabalho de orientação;
- b) conseqüentemente, não fazer o que as crianças podem realizar por si;
- c) trazer os recursos que, pelo fato de as crianças não encontrarem por si, lhe forem solicitados;
- d) afastar o que possa levar ao ridículo;
- e) indicar fontes informativas;
- f) criar situações favoráveis à obra educativa.

É necessário que a escola reaja, sem dúvida alguma, decididamente, contra as dramatizações forçadas, que, além do mais, acarretam enorme perda de tempo, sem qualquer resultado de ordem prática e educativa.

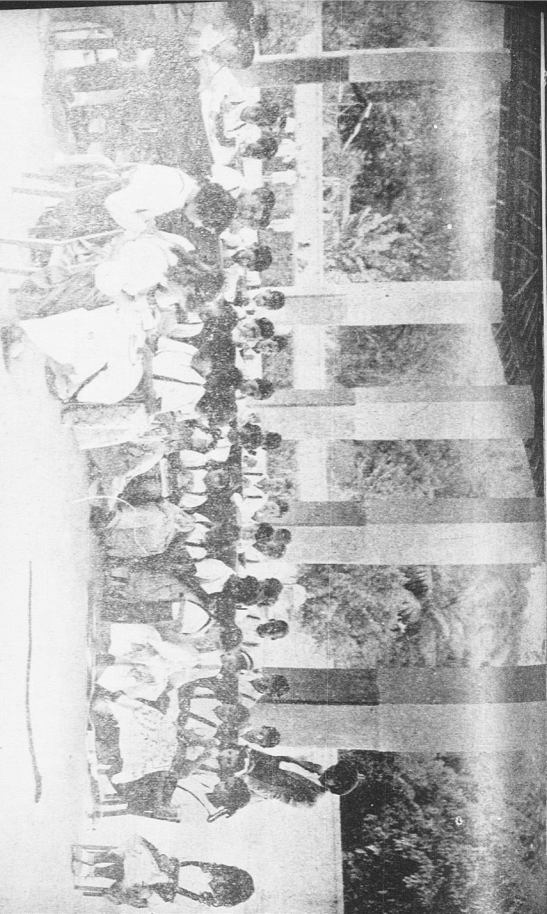
ANTÔNIO BENEDITO DE CARVALHO

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Exame gratuito

A ama sêca pode ser portadora de graves doenças como tuberculose, lepra, doenças da pele, etc. Antes de contratar-se a ama para o vosso filho, leve-a ao Centro de Saúde afim de ser gratuitamente examinada. Assim tereis defendido o vosso filho de um possível contágio.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)



Os Projetos pedagógicos

IRENE DE PAULA MAGALHÃES

O sistema dos projetos escolares teve a sua origem na América do Norte. Foi o filósofo e pedagogo John Dewey que introduziu, em 1896, esta unidade de trabalho, tendo Thorndike colaborado grandemente na sua difusão, universal, com a sua importante teoria de aprendizado, bem como Kilpatrick, Stevenson e muitos outros, no domínio das realizações práticas.

Embora encontremos pedagogos radicais entre os adeptos do projeto, podemos adotá-lo, porque ele se acha perfeitamente integrado com os nossos ideais educativos.

É um empreendimento que oferece grandes possibilidades para o desenvolvimento do aluno: estimula o interesse, pelo fim que se tem em vista, cuja consequência é a atualização das potências infantis, que poderão atingir o seu grau máximo, se o método encontrar na professora um guia competente. Satisfaz as diferenças individuais, porque pôde adaptar-se aos alunos e requerer o concurso de todas as capacidades e aptidões, para o êxito de sua realização. Nêle encontramos as verdadeiras condições de aprendizado, porque, pela variedade de situações que apresenta, favorece a aquisição de novas experiências, sendo exercício para a prática dos bons hábitos, habilidades e atitudes. É Stevenson que o define: "Projeto é um ato problemático, levado à realização num ambiente natural".

Podemos salientar quatro elementos característicos, que o distinguem das outras atividades escolares, a saber:

1.º — A formação do raciocínio aplicado às realidades, e não informação de memória.

2.º — Informação para realização, e não informação por si mesma.

3.º — Aprendizado no ambiente natural, e não aprendizado no ambiente artificial.

4.º — Prioridade de problemas, e não prioridade de princípios.

Como vemos, o seu fator mais importante é o fim que se tem em vista, porque, estimulando o interesse, determina o desprendimento do esforço necessário à conquista dos meios que lhe garantem o sucesso. O espírito, entrando em ação, torna-se mais efetivo, e os julgamentos que faz asseguram o progresso da atividade. Há lugar para a sabedoria prática inesperada, e educa-se a liberdade por meio da liberdade e da responsabilidade. O projeto que é um meio para a professora, é um fim para a criança. E, depois de aceito o fim tem a criança de aprender a planejar, o que é importantíssimo, pois, além de aprender, descobre como estudar.

Os educandos não precisam saber somente o que está para ser feito, mas devem saber como fazer.

Projetar inclui prática tão bem quanto atividades intelectuais, e Kilpatrick, estudando os projetos, classifica-os em quatro tipos que são:

1.º — "O tipo em que o fim seja o de incorporar alguma idéia ou habilidade sob a forma de expressão, como construir um barco, escrever uma carta, organizar um jogo". É o tipo que mais se encontra na indústria e nas belas artes.

2.º — O tipo em que o fim seja o de experimentar alguma coisa de novo, como ouvir uma história, uma sinfonia, apreciar uma pintura.

Embora a pessoa seja mais espectadora do que autora, este tipo pôde também ser planejado. Muitas vezes, ele é e precisa ser planejado, como no caso da educação ou no ato de um indivíduo sábio.

Na escola é muito comum este tipo ser fim para os outros.

3.º — O tipo em que o fim seja o de pôr e morder uma dificuldade intelectual, como descobrir as razões por que há mais orvalho em certas épocas do ano. E a resolução de problemas. Apesar de ser na teoria, puramente intelectual, na prática lançamos mãos de meios que o concretizam, como os gráficos e outros símbolos para o ensino da Geografia, por exemplo.

4.º — O tipo em que o fim seja o de obter uma informação, atingir um novo grau de habilidade ou de conhecimento, como o aprendizado dos verbos irregulares ou o alcance de determinado ponto na escala de caligrafia.

E' possível que esses tipos dominem mais ou menos, mas que é evidente que também nos servem, uns para os outros, de meios e fins.

Lourenço Filho aconselha que nas nossas lidas escolares, devemos procurar introduzir alguns projetos bem escolhidos, para que a escola de uma simples preparação para a vida, passe a ser também a própria vida.

Os projetos que nascem espontaneamente da classe, são os melhores, porque o interesse é real, mas compete à professora saber, por um golpe de vista, se merecem ser desenvolvidos ou não, para estimulá-los ou desviá-los. Como nem sempre é possível, esperar este acontecimento, principalmente, no início de sua aplicação, é preciso que a professora seja habilidosa, para fazer com que a criança sinta como seu, o que ela já havia planejado antes.

Acontecimentos correntes, condições da escola e fóra da escola, são oportunidades para a motivação de muitos projetos, e o seu êxito depende do professor. O papel d'este no projeto é múltiplo: ele será, ao mesmo tempo, presidente, interlocutor principal, árbitro, intendente, autoridade, juiz, conselheiro, examinador, guia de diligências ou amigo, como a situação requerer.

Disse alguém, que o professor de projetos precisa ser versátil, porque tem de contar com as circunstâncias.

Mas é preciso registemos no nosso plano de aula, de acôrdo com as indicações dadas pela Secretaria da Educação, as modificações requeridas, durante o desenvolvimento do projeto, para melhor satisfazer aos fins que temos em vista.

O projeto de que vamos tratar foi inspirado pela observação direta do comportamento das crianças, que nos levou a perceber a necessidade de desenvolver na classe a prática da composição. As crianças, apesar de revelarem boas qualidades e bons hábitos, não faziam boas composições.

A experiência que documenta o trabalho de hoje, foi motivada pelo projeto citado na palestra anterior, durante o qual, notamos a necessidade de desenvolver na classe, a composição. Apesar das qualidades e bons hábitos que a mesma possuía, não apresentava boas composições.

Considerando o grau de inteligência e de experiência da classe, pensamos em motivar uma composição, preparada pela leitura de vários trechos em prosa e em verso, sobre determinado assunto, com o fim de lhe enriquecer as expressões. O tema não se fez esperar, surgiu acidentalmente, quando uma criança, ilustrando a capa de seu album de Abolição, desenrolou uma bandeira. E nasceu logo a idéia de se fazer uma. Projeto útil e rico pelas possibilidades de desenvolvimento que oferecia aos alunos. Foi estimulado. Realizou-se. Abrangeu as seguintes disciplinas, do programa: Linguagem oral e escrita, Instrução moral e cívica, História do Brasil, Matemática (Aritmética e Geometria), Trabalhos Manuais (Desenhos, recortes e alinhavos), socialização (auditorium).

As alunas-mestras, durante o projeto, liam constantemente trechos literários sobre a bandeira, como "O Pequeno Vigia Lombardo" de Edmundo de Amicis, poesias e trechos de discursos de Olavo Bilac, etc.

Foram realizadas, durante este trabalho, várias composições escritas: composições em verso e em prosa sobre a bandeira, que figuraram num album, e outros trabalhos espe-

ciais para um auditorium, que resolveram fazer, no ato da entrega da bandeira ao grupo, na semana da Pátria. Tiveram ainda oportunidade para um discurso, em homenagem que prestaram ao Chefe do Departamento de Educação, que esteve presente ao ato.

Dentre estes trabalhos, irei apresentar-vos apenas dois: O 1.º foi escrito numa aula de linguagem, em que a aluna-mestra fez uma leitura muito expressiva da poesia, "A Bandeira" de Djalma Andrade. Fato interessante aconteceu nesta aula: tendo a praticante entregue à classe folhas de papel para que escrevessem algo sobre a bandeira, quasi todos os alunos fizeram, pela 1.ª vez, poesias.

O 2.º foi o último trabalho, realizado durante três minutos, após a apresentação da bandeira à classe:

A BANDEIRA

Salve, bandeira querida
De todo o Brasil que é meu.
És formosa e és bonita
Como as estrélas do céu!

Esse verde tão bonito
A idéia do bosque traz;
O amarelo indica o ouro,
O azul o céu, o branco a paz.

E tens também as estrélas,
Os Estados do Brasil.
Nós te queremos, bandeira!
És tão formosa e gentil!

L.

Trabalho feito após a apresentação da bandeira:

"Nós tivemos muito trabalho com a nossa bandeira, mas o resultado está aí: é que a bandeira ficou muito bonita.

Tem três constelações que são: Triângulo Austral, Cruzeiro do Sul e Escorpião. As estrélas são de quatro dimensões.

Quando eu olho para ela, eu me lembro dos primeiros tempos do Brasil, em que não era civilizado. O meu desejo é que o país fique sempre em paz, cada vez mais unido e forte.

Essa bandeira feita por nós mesmos, nos ensina a amar cada vez mais o Brasil.

D. V.

No sentido real, somente o homem é capaz de conceber projetos e executá-los, mesmo que seus fins estejam afastados. É um trabalho de inteligência que a escola de hoje procura introduzir. A professora, com a aplicação dos projetos em suas classes irá suprimindo o trabalho meramente formal.

IRENE DE PAULA MAGALHÃES

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Ar livre

Janelas abertas. O ar e a luz são os dois grandes inimigos das doenças. O ar puro, sempre renovado, é tão necessário ao organismo como o próprio alimento. As janelas fechadas perturbam a renovação do ar das habitações e constituem um atentado às leis da higiene.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)

Denominações que precisam ser mudadas

JULIETA PINHEIRO TEIXEIRA DA CUNHA
(Técnica de Educação Primária)

Na função de técnico de educação da Prefeitura do Distrito Federal, iniciei, em 1940, penosa e tenaz campanha em prol da mudança das denominações "asilos", "orfanatos", "recolhimentos", etc.

Quais os objetivos dessas instituições? Assistir, alimentar, educar os menores, cujos pais, por várias circunstâncias, estão impedidos de desempenhar tais compromissos. Há, então, uma transferência de responsabilidade da família para o "Asilo". Se essa casa aceita o menor, justamente para livrá-lo dos males do abandono, desde o momento em que êle transpõe o limiar dessas portas, deixa de ser um desamparado, um desvalido.

Entretanto, destruindo a ação valiosa e imprescindível desses institutos, desmentindo a lógica de que, todo aquele que recebe amparo, deixa de ser um desamparado, começa a criança a ler os títulos hediondos, nas fachadas, nas paredes, nos quadro-negros; põe-se a ouvir, de tôdas as bocas as odiosas palavras que ela própria escreve nos seus trabalhos diários...

Só se consegue educar trazendo a vida para dentro da escola, proporcionando ao individuo condições sociais, morais e físicas que lhe permitam o desenvolvimento harmonioso de suas capacidades vitais, de sua educabilidade. Não se pode dispensar, no processo educativo, os elementos fornecidos pelo próprio educando. E' preciso que êle possa, e até

mesmo que êle queira ou consinta em ser educado. Num ambiente que o tortura, chamando-o órfão; que o deprime, dizendo-o abandonado, cego ou inválido; onde êle é considerado um infeliz; onde tudo lhe é dado, não como um direito, mas como esmola, como favor, como fruto de generosidade que nunca é demais agradecer; onde demônios invisíveis vivem a repetir aquêles epítetos dolorosos; num ambiente propício aos sentimentos negativos, só podem germinar o pessimismo, o desânimo, o ódio, a revolta, a hipocrisia, a falta de confiança em si mesmo e em tudo que o rodeia. E os complexos, os recalques poderão um dia explodir lá fora, anulando todos os esforços dos que julgaram prepará-lo para a vida.

Conta-se que Pedro II fazendo riscar, de um dos nossos hospitais de lázaros, a desoladora e cruel inscrição: "Lasciate ogni speranza, voi, ch'entrate", bebida na Divina Comédia, substituiu-a por outra, tôda feita de promessas: "Aqui renasce a esperança".

Imitemo-lo, marcando a traços de luz, bem alto, bem legível: ESCOLA. E digamos a cada criança que ali entrar: "Esta é a tua casa. Aqui terás tudo que te faltava lá fora."

Exterminados os sentimentos de inferioridade que aniquilam, despertado o entusiasmo e a euforia que vivificam, poderemos pensar em educação. E só então, teremos o direito de exigir que os mestres a pratiquem.

A mudança daqueles títulos, só por si, não resolverá, é certo, todos os problemas dos asilos ou orfanatos. Mas será o ponto de partida que nos induzirá a melhores soluções.

Sem que lhes adviesse o menor prejuízo, ao contrário, atraindo-lhes a maior simpatia, a Casa dos Expostos foi substituída por "Fundação Romão Duarte"; o "Asilo Gonçalves de Araujo" transformou-se em "Educandário Gonçalves de Araujo"; o "Asilo da Velhice Desamparada" passou a ser a "Casa de São Luiz"; o "Asilo dos Cancerosos Incuráveis (!)" humanizou-se, adotando outro título mais razoável.

Não paremos aí. É preciso demolir todos os que ainda existem por este Brasil magnânimo e democrático, transformando-os em ESCOLAS.

Asilo é albergue, é abrigo, é acolhida por favor ou compaixão. Escola é um direito sagrado da criança.

Recolhimento é clausura, é segregação, é retiro, é isolamento. Escola é comunidade, é confraternização, é sociabilidade.

Orfanato é desolação, é luto, é sofrimento, é silêncio, é o inexorável. Escola é alegria, é luz, é movimento, é esperança. Escola é vida. E é de escolas que as crianças necessitam.

JULIETA PINHEIRO TEIXEIRA DA CUNHA

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

N.º 182 — ANO XIV — AGOSTO DE 1946

SOCIOLOGIA : PEDAGOGIA — LEGISLAÇÃO —
TÉCNICA E ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

Diretor, prof. JOÃO BAPTISTA SANTIAGO

CONTROLE TÉCNICO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Enderço: — "REVISTA DO ENSINO", — SECRETARIA DA
EDUCAÇÃO — BELO HORIZONTE — TEL. 2-5900

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assinatura anual Cr\$ 50,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AO PROFESSORADO
DOS ESTABELECIMENTOS ESTADUAIS

TIRAGEM desta edição — 10.000 exemplares

Educar e instruir

LEVINDO LAMBERT

A função de professor de ciclo secundário não é bem a de modelador de caracteres. Estes já vêm da escola elementar com os traços dominantes à mostra: a mão da mestra encontrou a matéria plástica e deu-lhe a forma desejada.

O brunido, a obra do escopro e do cinzel, está adstrita ao ciclo secundário nas suas atividades extracurriculares. O papel do mestre, nesta hora, no sentido educativo — *ex du-cere* — é o do paradigma, do exemplo, do modelo.

Instruir e educar são coisas diferentes. E a sua função principal é instruir. É claro que não terá a insensibilidade dos realejos nem se limitará a despejar a sua sabedoria e a matéria programada, indiferente pelos resultados uniformes do seu esforço. Usará daquela *consciência técnica*, de que fala Galli, que quer dizer atenção, penetração, compreensão e sobretudo, trabalho.

Porque, na verdade, não bastam por parte do mestre a pontualidade, a obediência aos regulamentos e à autoridade hierárquica; o cumprimento dos deveres escritos que lhe são impostos. Não bastam o esforço, ativo, constante, o desempenho material, enfim, do magistério. Não bastam a boa cultura, as qualidades didáticas nem, tão pouco, aquêlê "golpe de vista" de que fala Claparède. Mais do que a subordinação passiva aos textos das leis e às ordens superiores, há no desempenho das suas funções uma determinada ordem de coisas que pede do professor de ciclo secundário uma reflexão honesta; que lhe reclama meditação acurada; que lhe

exige contróle espiritual dos seus atos; uma determinada ordem de coisas que, fora do trabalho material, vem completar a alta missão de que está investido.

E isso vem a ser o interesse pelos resultados do seu ensino.

Há na classe, por exemplo, aluno impenetrável ao aprendizado? Procurou o professor a causa dessa anormalidade? Investigou a vida desse menino? Fez-lhe, como recomenda Kerschsteiner, o diagnóstico de sua personalidade? Intentou depois estudá-lo bem de perto? A vista, o ouvido, a memória do educando foram observados?

Quaisquer desse fatores poderiam concorrer para a situação anormal do aluno.

Não fez nada disso? Pois o menino fracassará sem remédio por culpa — nisso não há dúvida — por culpa do mestre.

É tarefa, como se vê, revestida das cores de verdadeiro apostolado.

No sentido educativo, entretanto, convém repetir, o seu papel é o do exemplo, de paradigma, de modelo. Várias escolas pedagógicas entendem que a ação do mestre, no sentido extensivo, deve ir do curso primário ao grau superior. George Canute e Charles Board em livro recente — “Conclusões e recomendações” — dizem que é dever dos professores preparar o espírito da mocidade para uma nova era. Não é fácil semelhante atitude no que diz respeito à mocidade da escola secundária. Constituiria um dever, sim, se semelhante ação fosse compatível com as possibilidades magisteriais!

Ai da mocidade se do professor de grau secundário exclusivamente dependesse a formação de seu caráter e da sua personalidade. Aulas iterativas de cinquenta minutos, distribuídas dentro de seis horas de trabalhos diários; professor sucedendo a professor em cada pedaço de horário — não seria possível alcançar-se a imprescindível unidade ideológica capaz de atuar na mente do educando, modelando-a.

Portador, cada qual, de um tipo de cultura, professando credos filosóficos diferentes, religiões diferentes, idéias polí-

ticos diferentes, os professores agiriam de maneira dispersiva se cada qual quisesse servir-se da cátedra para a difusão dos seus sentimentos morais e individuais. Ao cabo de contas, a nossa mocidade ver-se-ia enrodilhada numa verdadeira Babel de ideologias, incapaz de compreender a trama labiríntica das idéias e sistemas, impossibilitada de atingir a meta desejada, que seria a conquista da Verdade.

Não e não. O mestre de ciclo secundário atuará pelo exemplo, de acordo com a palavra de São Paulo: “Sêde meus imitadores como eu o sou de Jesus Cristo.”

É claro que no seu magistério não lhe faltará hora nem ensejo de juntar o ensinamento ao exemplo, a teoria à prática, a palavra à ação. Mas, convém repetir, o escopro e o cinzel ficarão nas mãos das instituições intra-escolares, na ação extra-curricular exercida pela Escola. Cabe a estas estabelecer a prática destinada a pôr a mocidade dentro de instituições sociais onde encontrará campo e ambiente para o exercício de suas tendências e para a necessária interação modeladora de caracteres e personalidades.

LEVINDO LAMBERT

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Higiene da criança

No catecismo higiênico da criança está inscrita esta norma: “Coma vagarosamente somente alimentos sãos”.

Por que?

Porque os alimentos sólidos devem ser mastigados cuidadosamente afim de que sejam facilmente digeridos sem fadigar o estômago.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)

A reação psíquica da criança é mais ou menos uniforme e a atenção espontânea requer interesse verdadeiro. Por isso, faz-se urgente uma medida no sentido de dar às escolas livros didáticos com dificuldades bem graduadas e que se fundamentem nesta base: agradar, sem prejuízo da informação.

(Continuação da pág. 21)

Biblioteca Infantil, alma da Escola Primária

NAIR STARLING

XVI

GRÁFICOS

Para fazermos julgamento conveniente dos livros preferidos o melhor recurso são os gráficos.

Por meio das fichas podemos levantar gráficos gerais e comparativos, que demonstrem as preferências dos alunos segundo o sexo, o ano, a idade, etc.

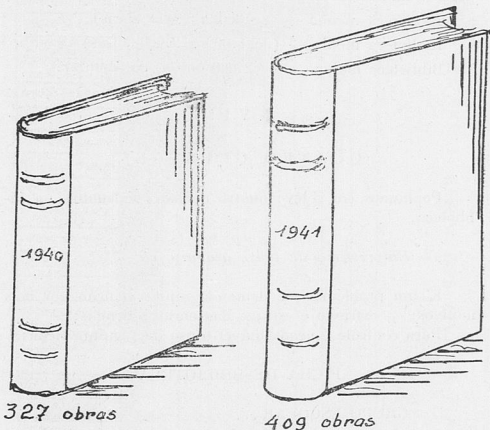
O gráfico é semelhante a um mapa. Fala alto e de modo convincente a quantos o queiram examinar, descendo às comparações e auscultando, através de suas linhas rígidas, as observações e pesquisas que lhe deram origem.

Examinando-se os gráficos anexos, nota-se principalmente a grande superioridade dos livros recreativos sobre os de informação. E ainda a percentagem mínima é adquirida com esforço.

As crianças só procuram os livros de informação, e isso é justo, quando impelidas por um motivo qualquer.

O que acontece quase sempre, porém, e registramos o fato com tristeza, é largarem o livro friamente, depois de o terem procurado com entusiasmo.

O livro de informação mais lido é o "Tesouro da Juventude", que exerce sobre os alunos um poder magnético, encantando-os e seduzindo-os.



(Crescimento da biblioteca do grupo "Alexandre Drumond")

A novidade na biblioteca é algo absolutamente necessária, é fator principal do interesse.

O crescimento deve obedecer a um ritmo certo, natural, sem parada ou aceleramentos bruscos.

Uma mesinha para expor novidades, revistas e jornais, é medida simples mas que dá à biblioteca o cunho de reno-

vação, que se ajusta ao espírito da época, pela força transformadora que movimenta a vida.

Em síntese, o valor da biblioteca pode ser medido pelo seu crescimento, que é um índice expressivo da boa vontade coletiva.

O número de obras possuídas marca a denominação para as bibliotecas assim:

Biblioteca menor — (de 300 a 1.000 obras)

Biblioteca média — (de 1.000 a 2.000 obras)

Biblioteca maior — (de 2.000 obras em diante).

XVII

QUATRO QUESTÕES

Ponhamos em relêvo quatro questões existentes na biblioteca.

a) *Empréstimo de livro, gravura, etc.*

É um problema que demanda muita atenção por dois motivos: — extravio e estrago das obras retiradas.

Para controle é aconselhável o uso da seguinte ficha:

FICHA DE BIBLIOTECA

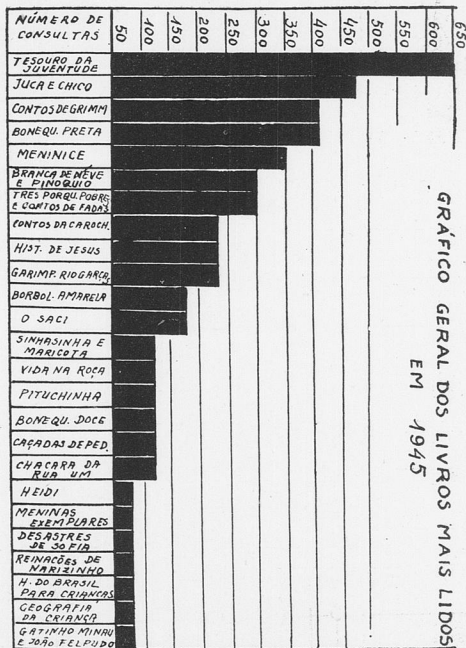
GRUPO ESCOLAR ...

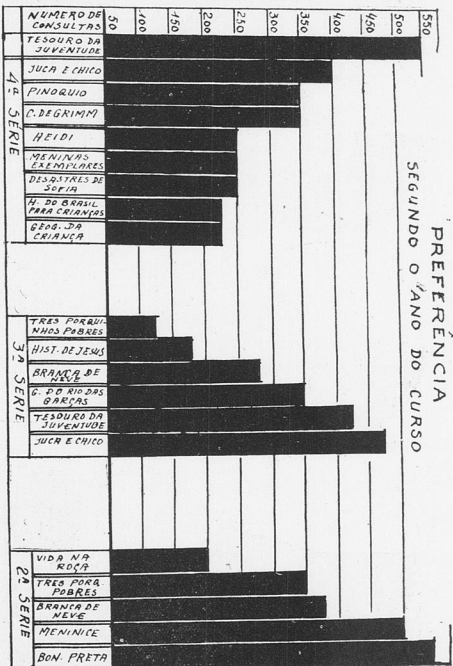
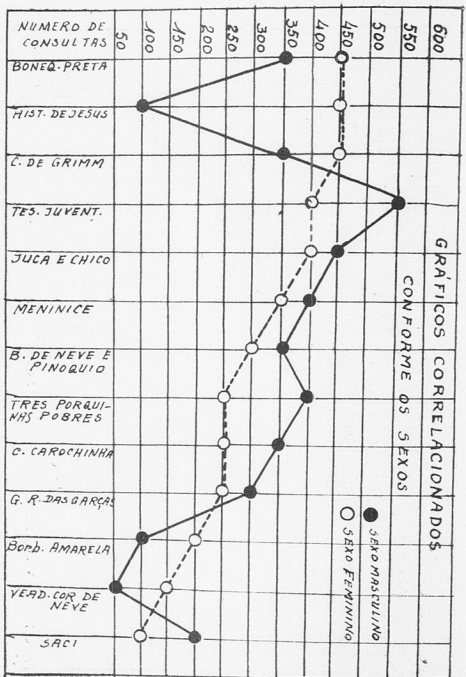
ASSINATURA ...

INFORMAÇÕES ...

OBRA RETIRADA — DATA DE ENTREGA

(A biblioteca deve ter fichas impressas que poderão ser vendidas ou oferecidas aos interessados).

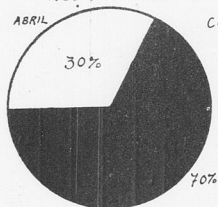




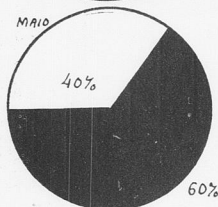
RELAÇÃO DAS PERCENTAGENS ENTRE LIVROS RECREATIVOS E DE INFORMAÇÕES

ABRIL

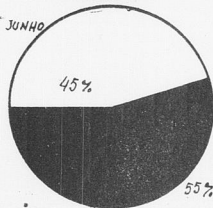
CONSULTADOS POR MÊS



MAIO



JUNHO



LEGENDA

RECREATIVO
INFORMATIVO

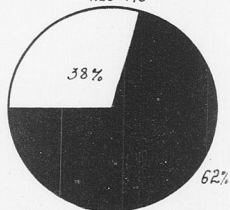
ABRIL 340 T. 486
146

MAIO 542 T. 881
339

JUNHO 180 T. 329
149

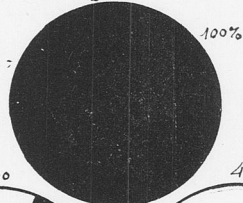
RESUMO 1062
634
1.696

RESUMO

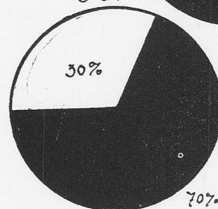


RELAÇÃO DA PERCENTAGEM ENTRE LIVROS RECREATIVOS E DE INFORMAÇÃO POR ANO DO CURSO

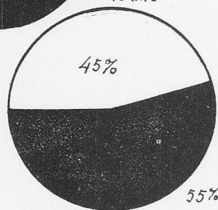
2º ano



3º ano



4º ano



LEGENDA

RECREATIVO
INFORMATIVO

2º ANO 310 TOTAL 310

3º ANO { 308 TOTAL 440
132

4º ANO { 341 TOTAL 620
279

Reg.	Obras	Classif. decimal	Nome da obra	Ano do curso	Autor	Procedência	Edição	Entrada	Editora	Custo

MODELO DO LIVRO DE MOVIMENTO

Mês..... Ano.....

MOVIMENTO DIÁRIO

DIAS	OBRAS Recreativas	RETIRADAS Informações	AUTORES
Soma diária			

b) *Estantes abertas ou fechadas?*

É inegável a vitória das estantes abertas, porque atraem o leitor e tornam o trabalho mais fácil e rápido. Mas o controle de livros torna-se difícil.

Se os livros em estantes abertas são mais atraentes e acessíveis, tornam-se também expostos à poeira, insetos e outras pragas.

Há, entretanto, quem afirme o contrário, isto é, que os livros em estantes abertas são menos sujeitos à destruição pelas traças, etc.

Como, de qualquer maneira, os livros estragam-se e precisam de desinfecção mensal, será de grande proveito o uso da seguinte fórmula para pulverizá-los:

Alcool a 90°	1000,0
Essência de alfazema	10,0
Óleo de cravo	20,0
Creosoto mineral	120,0
Oxianureto de mercúrio	3,0

A gasolina produz também resultado admirável.

c) *Os livros devem ser ou não encapados?*

Inegavelmente o livro encapado conserva-se muito mais limpo.

As desvantagens da capa, porém, são inúmeras, pois os livros ganham aspecto uniforme e monótono. A capa torna-os semelhantes a um batalhão, tira-lhes a personalidade.

O livro sem capa é atraente, vistoso, tem como que mais alma e conquista facilmente a preferência dos alunos.

A certas coleções, entretanto, como o "Tesouro da Juventude", a capa só poderá trazer benefícios.

d) *Contrôle do material*

Todo material pertencente à biblioteca deverá ser registrado e devidamente carimbado para rápida identificação. Costumamos carimbar os livros sempre na página 27 para maior unidade do serviço.

Como deverá proceder a bibliotecária em caso de extravio de obras?

O extravio tem sempre uma causa; logo, o melhor recurso será investigá-la, adotando-se o princípio de D. Bosco: "Prevenir é melhor do que remediar."

O trabalho bem organizado evita os extravios, pois é claro que estes têm origem nas falhas da organização.

A integridade dos livros e de todo o material da biblioteca há de ser objeto dos melhores cuidados. Torna-se necessário, mesmo, organizar-se uma campanha nesse sentido.

Um meio interessante e que tem dado bons resultados consiste em fazer marcadores, contendo algumas normas, à guisa de pedidos do próprio livro. No verso do marcador podemos colocar, em linhas gerais, a biografia do patrono do grupo, como se vem fazendo na biblioteca "Caetano de Campos", em São Paulo.

MODELO DE MARCADOR

Pedidos do livro

"Não umedeças teus dedos para passar minhas páginas.

Não me toques, se não tens mãos asseadas.

Não me rabisques quer a tinta quer a lápis.

Não me deixes aberto com a face contra a mesa.

Não coloques entre as minhas fôlhas nenhum objeto a não ser esse marcador.

Quando leres, não te apoies sobre mim.

Conserva-me apenas durante o tempo estritamente necessário.

Lembra-te que nós poderemos encontrar-nos de novo e que te seria desagradável achar-me envelhecido, estragado ou manchado.

Assim, conserva-me limpo e do melhor modo que te fôr possível. Em compensação eu te ajudarei a ser feliz, fornecendo-te algumas armas para a luta da vida."

(As crianças gostam de enfeitar os marcadores com desenhos de flores, casinhas e paisagens).

Os marcadores poderão ser impressos ou manuscritos, conforme as possibilidades da Escola.

XVIII

ESCRITURAÇÃO

Escrituração clara, simples e bem organizada é condição indispensável ao controle da biblioteca.

Três livros fazem-se necessários:

- a) Livro de Registro Geral.
- b) Livro de Movimento.
- c) Livro de Atas e Offícios.

O Livro de Registro Geral deve conter todos os esclarecimentos necessários sobre as obras, como sejam: classificação, nome do autor título ou nome da obra, volume, editor, data da entrada, procedência, custo, etc.

O Livro de Movimento deve conter o número de obras consultadas e retiradas, retratando devidamente o movimento diário e mensal.

O Livro de Atas e Offícios deve conter atas relativas à fundação da biblioteca, cópias de ofícios recebidos e remetidos, relatórios, regulamento, etc., de modo que se possa avaliar o esforço de professores e alunos em prol da atividade.

(Continua)

NAIR STARLING

TABELA DE ANÚNCIOS

	Cr \$
Na capa (lado externo), 1 página	200,00
" " " 1/2 "	120,00
" " (lado interno), 1 "	160,00
" " " 1/2 "	100,00
Em páginas suplemento, 1 "	120,00
" " " 1/2 "	80,00
" " " 1/4 "	50,00

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, bem como os anúncios em cores, pagarão preços especiais previamente combinados

Só se aceitam anúncios que tenham interesse para o ensino ou para os professores

Uma sessão do Grupo Escolar de Bicas — Um clube de leitura "Vicente Guimarães".



Cantinas escolares

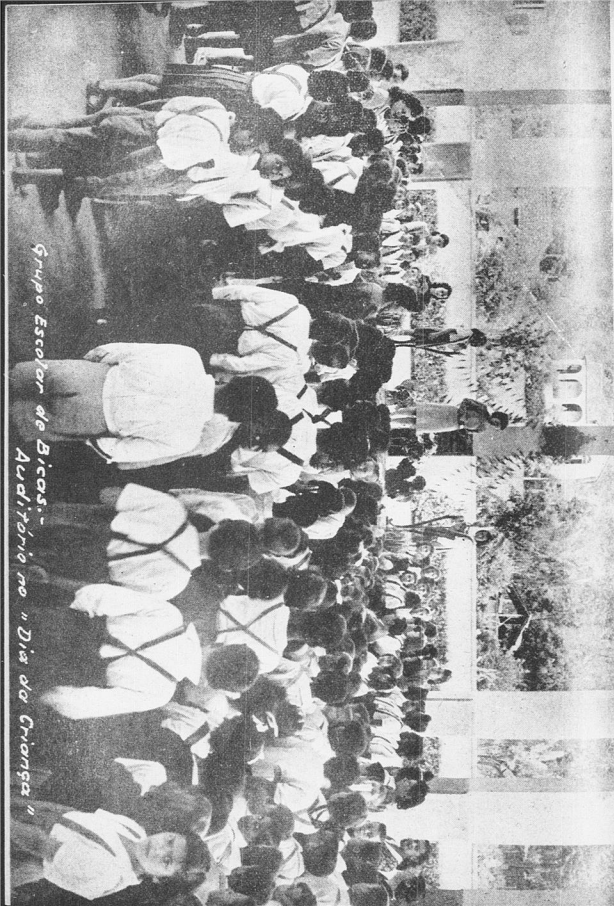
OSCAR ARTUR GUIMARÃES
(Inspetor Regional do Ensino)

As cantinas escolares, embora reconhecidas oficialmente como parte de nossa organização escolar, não lograram ainda conseguir um planejamento financeiro que as sustenha nas suas atividades efetivas.

Vivem, portanto, as que se estabeleceram, à mercê das oscilações da boa vontade dos particulares, que concorrem para a sua manutenção, vontade essa que se subordina ao empenho e ao esforço dos dirigentes das escolas onde a instituição se localiza.

Destinadas que são a prestar socorro alimentar aos escolares pobres, a utilidade das cantinas não precisa ser encarada, tão palpável é, no simples enunciado de seu principal objetivo. A escasséz de recursos com que luta a nossa classe média, de onde provém o grosso do efetivo das escolas primárias, é sobrejamente conhecida e assáz apregoada. As crianças daí provenientes carecem de socorro e ajuda de toda espécie, mas particularmente de assistência alimentar.

A suplementação que as cantinas têm fornecido a esses pequeninos infelizes, embora exígua ainda, dados os poucos recursos com que a instituição tem podido contar, positiva-se em efeitos palpáveis e relevantes. Beneficiam-se com eles, não somente os socorridos, mas direta ou indiretamente, a escola, a família e a sociedade. Os que sentem, os que assistem e os que se cientificam desses efeitos benéficos reconhecem a utilidade das cantinas como serviço social de grande alcance.



Grupo Escolar de Bicas - Auditorio no "Dia da Criança"

Por isso não tem faltado, da parte do professorado, empenho e esforço no sentido de instituir em suas escolas, o serviço de cantinas. E essa decisão dos professores tem encontrado eco na boa vontade e compreensão do povo, que acode solícito aos apelos dos educadores, prontificando-se a apoiar e a amparar a obra, concorrendo para a manutenção de seus serviços.

São inúmeros os exemplos — e temos testemunhado alguns, — de cantinas que se organizam e se instalam e funcionam com eficiência, a custa exclusiva da iniciativa dos professores, com apóio e ajuda da população local. Modestas e econômicas umas, mais completas e dispendiosas outras, mas sempre uma cantina, lançando as bênçãos de sua obra benfazeja sobre os pequeninos necessitados.

Sirvam êsses exemplos de estímulo e encorajamento para novas iniciativas e empreendimentos novos no sentido da maior disseminação das cantinas escolares.

Dissemos anteriormente que as cantinas escolares se podem organizar e sustentar sem o auxílio financeiro oficial.

Não queremos, com essa afirmativa, exonerar o poder público da obrigação que porventura lhe caiba, no amparo e proteção a tão útil instituição. Queremos, sim, que a ausência do hafejo oficial não sirva de embargo à organização das cantinas; não leve à atitude de *cruzar os braços*, quando êles devem estar mais abertos e diligentes.

As instituições assistenciais organizam-se para o povo e sempre viveram do povo, sem embargo dos apelos que se fazem ao auxílio oficial. Essa é a regra, entre nós.

As cantinas escolares são instituições de assistência e realizam obra de grande alcance social. Logo, não é demais, na organização de uma cantina, apelar primeiro, para o povo.

Assim, planejada que seja a organização de uma cantina, cumpre que o professorado se movimente, propagando a idéias, expondo as finalidades da instituição, esclarecendo sobre os serviços que vai prestar e o alcance social des-

te, em referência às necessidades ambientais. Trata-se de preparar o espírito público, formando corrente de simpatia pela causa. Conseguido isso, o mais decorrerá relativamente fácil.

Procure-se, em seguida, conseguir donativos em espécies ou em dinheiro, para a instalação da cantina.

O de que se precisa desde logo, pode ser resumido em material para uma cozinha e copa, os petrechos para a higiene do material e uma mesa para refeições.

Para instalação não é preciso pensar logo numa construção apropriada: um pequeno cômodo onde se localize o fogão e possa ter instalações de água e uma pia será uma cozinha aceitável. A mesa para refeições, à falta de melhor lugar, poderá ser posta na varanda. Os bancos junto à mesa não são coisa imprescindível.

Eis aí a cantina instalada: cozinha e copa e sala de refeições.

Os donativos em gêneros e em dinheiro vão constituir a receita para custear a despesa de alimentação. Arrecadam-se entre as pessoas mais dadas e interessadas no bem público e nas obras de assistência; entre os comerciantes, as famílias dos alunos e os próprios alunos. Não são apenas as pessoas ricas que concorrem, pois não se vai pedir muito a cada uma. Aqui um pouco de arroz, farinha, macarrão, fubá, canjeia; ali, os ossos para o caldo gordo; lá, os legumes, os temperos, as frutas. E já se tem o com que preparar diariamente uma sôpa substanciosa e sempre variada, ou uma salada de frutas ou de legumes.

Maior ou menor recurso alcançado, depende do grau de interesse que a instituição lograr despertar no meio social. E não há melhor argumento para conseguir êsse interesse do que levar as pessoas a visitarem a cantina nas horas de seu funcionamento, dando-lhes a conhecer, mais de perto e ao vivo, da significação e do alcance da grande obra que realizam essas pequeninas e beneméritas instituições.

OSCAR ARTUR GUIMARÃES.

A vida musical nas Universidades americanas

JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

N. R. — O prof. José Vieira Brandão, do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, é um dos valores mais destacados da nova geração artística brasileira. Realizou, recentemente, uma viagem de estudos aos Estados Unidos. Num programa que fez pela Rádio Ministério da Educação realizou a palestra que publicamos e apresentou ótimas gravações feitas co os "Glee-Clubs" americanos, que até em português cantaram.

A todo visitante que chega aos Estados Unidos, depara-se-lhe aos olhos, um programa espetacular de grandeza em todos os campos de atividade humana, quer seja nas artes, ciências etc. O ritmo da vida do americano do norte, cada dia mais veloz, nos envolve e nos atira naquela rede perfeita de organização que se movimenta com a regularidade absoluta de um cronômetro. A princípio nos sentimos como fascinados pela fantástica vertigem de ação que nos domina e nos confunde. Pouco a pouco, as reações se fixam sob o poder excitante do ambiente, estimulando nossa curiosidade, despertando nossa atenção. Esta é a atmosfera que se cria ao redor de um estudante estrangeiro, no seu primeiro contacto com a vida universitária nos Estados Unidos da América do Norte.

As universidades

A Universidade americana sendo, como é, uma síntese da vida do estadunidense, representa por isso mesmo, um magnífico campo de observação para o estudo das características

daquele grande povo. É admirável como numa Universidade americana se congregam numa harmonia perfeita as atividades mais variadas. O "campus" (como é chamada a área em que se encontram os edifícios da Universidade), oferece tão fascinantes oportunidades para a cultura física, intelectual, artística, social, que mantém o estudante permanentemente ativo. É comum, uma "goos looking girl" ou um "handsome fellow", incluírem em seus horários cotidianos, além da especialidade a que se dedicam, um tempo regular para sua educação artística (música, pintura, arquitetura, teatro, etc) que passam a constituir seu "hcb". Principalmente a educação musical para o universitário americano, tem uma importância capital, indispensável à sua integração na comunidade. Além da participação na banda, ou orquestra, encontra ele um magnífico elemento de cultura musical no "Glee Club" ou seja o coral universitário. Ainda que estas organizações internas não possam ser integradas pela maioria ou totalidade dos estudantes, é proporcionado um meio para desenvolvimento do gosto e interesse pela música erudita, nos recitais de solistas locais ou famosos, concertos dos conjuntos já citados, e audições fonográficas para apreciação musical. Já existe porém, um movimento em certas universidades, no sentido de promover à adoção de um sistema similar ao implantado por Villa-Lobos em nossas escolas primárias e secundárias.

A música

Um espetáculo bastante significativo de aspecto pitoresco e educativo é o que se apresenta na temporada de futebol com a apresentação das bandas universitárias em evoluções lindíssimas nos estádios, executando peças apropriadas à situação. Observa-se desde logo o alto conceito de disciplina e organização da mocidade estadunidense assim como a sua jovialidade na espontânea manifestação musical traduzida nas canções e efeitos bizarros permutados entre os universitários.

Há universidades que possuem sua escola de música especializada, porém um grande número mantém somente um departamento musical. Neste departamento, entretanto, são oferecidos os mais variados cursos para educação artística, havendo aulas teóricas, conjunto coral, bandas, orquestras e cursos de apreciação musical. Nas escolas de música especializada, tudo o que se refere à formação do músico é objeto de preocupação especial. Nestas escolas, além dos cursos oferecidos aos estudantes que desejam ingressar na carreira profissional de concertista, há cursos especiais para a formação do professor para as escolas primárias e secundárias, assim como cursos gerais práticos para todos os estudantes das demais escolas.

O concertista profissional, além da cultura técnico-musical, mantém uma série de atividades relacionadas ao seu instrumento na prática de música de câmara e de orquestras, sendo obrigatória a sua participação no coral.

Os "glee-clubs"

Os "Glee-Clubs" das Universidades atingem uma grande técnica de conjunto sendo comum no final de cada período parcial do ano letivo a realização de uma grande obra coral como por exemplo. Missa em si menor de Bach, oratórios, cantatas etc. Para um melhor esclarecimento o ano letivo divide-se em geral em 3 períodos: o da primavera, do inverno, e do outono, adicionando-se o período de verão durante e após-guerra devido à volta dos veteranos.

As orquestras por sua vez em concertos regulares durante o período de ano letivo executam o repertório sinfônico tradicional com uma larga contribuição de música e autores modernos contemporâneos. Mignone, Villa-Lobos, Lorenzo Fernandes e Camargo Guarnieri já se tornaram familiares às orquestras universitárias, que com insistência reclamam novos trabalhos destes compositores. O material sinfônico impresso, dos artistas brasileiros, sendo em número reduzido, vem tornando lenta a difusão da música erudita orquestral.

de nosso país nos meios musicais estadunidenses. Um ramo de atividade artística universitária que merece destaque especial é o conjunto denominado "Madrigal" que se compõe de 12 a 15 cantores especializados na prática do repertório escrito para este tipo de conjunto vocal de câmara.

Desta rápida síntese da vida musical nas Universidades americanas poderíamos sem dúvida, aproveitar o magnífico exemplo que nos oferece a mocidade estudiosa dos Estados Unidos, sugerindo ao departamento artístico da União Nacional dos Estudantes a criação de um centro universitário, iniciativa que concorrerá, por certo, para uma melhor cultura espiritual do universitário brasileiro.

JOSÉ VIEIRA BRANDÃO

Aviso aos Professores e Assinantes

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista do Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

Formação do professorado

FRANCISCO VENANCIO FILHO

Na raiz das nossas necessidades educacionais encontra-se sempre, como principal, a da formação do professor, que é sem dúvida a peça mestra do sistema.

É evidente que sendo a educação um sistema complexo, múltiplo e vivo, não pode ser constituído de um só mecanismo, nem dependerá o seu sadio fortalecimento de uma das partes isoladas.

Mas, tudo presente, falhará, sem o professor, enquanto este pode ter virtudes e de quase tudo suprir.

Se é verdade que algumas aptidões serão inatas e mesmo dificilmente modificáveis, não será contestável que há hoje técnicas e experiência acumuladas indispensáveis a um exercício do magistério, com maior rendimento.

Enquanto, este problema, foi, senão ignorado, de segundo plano para a Monarquia. O do magistério primário só foi considerado nos últimos anos do regime, em 1880, com a fundação da Escola Normal da Côte. Os demais apesar do Imperador ter sido amigo de Pasteur, da famosa Escola Normal Superior de Paris, e de ter estado na América do Norte em 1876, onde o problema era considerado no seu alto relevo, não existiram.

Os estadistas que nos dirigiram, olhos voltados para a França, a Inglaterra e mesmo os Estados Unidos, não repararam na importância da formação dos que ensinam. E somente êles se preparavam para nomeações de caráter pessoal ou de cursos, meio idóneo, mas insuficiente, sem a preparação específica preliminar.

Porque o concurso é antes meio de seleção e não de formação e pelo primeiro escapam qualidades essenciais à missão docente, que pelo segundo são mais fáceis de apurar.

Mas mesmo assim as escolas de formação do professorado primário só nos primeiros anos da República, em São Paulo com Cesário Mota e Caetano de Campos, em 1916 com Azevedo Sodré e Afrânio Peixoto, perderam o caráter de estabelecimentos incompletos de educação secundária, com algumas disciplinas pedagógicas, à maneira de adorno.

Só a partir de então que se separou o curso geral do de formação profissional com a indispensável prática, em escola própria de aplicação.

No Distrito Federal e em São Paulo, com o desenvolvimento do sistema e o conseqüente aumento do salário os cursos normais começaram a atingir o nível universitário.

A formação nas diversas reformas

No que se refere à educação nos outros graus e ramos, o problema não foi considerado, quer na Monarquia, quer na República, até 1930.

Examinadas as reformas de ensino, nas quais se englobaram, até a do ministro Francisco Campos, o ensino superior e secundário, as referências ao magno problema eram escassas.

A de Benjamin Constant, como as que se lhe seguiram, apenas cogitou das escolas superiores e do estabelecimento secundário único, mantido pela União.

Com a reforma Carlos Maximiliano foi instituído um registro, no Conselho Superior de Ensino, para examinadores, mas para os quais nem sequer era exigido prova idónea. A Reforma seguinte, chamada Rocha Vaz, ampliou êsse registro para o efeito de constituir bancas examinadoras, que iam aos Estados, em novembro, em peregrinações quase de recreio...

A Reforma Francisco Campos foi a primeira a considerar de modo objetivo, os três problemas fundamentais: 1) o da formação de professores secundários; 2) o do profes-

sor particular; 3) o regime racional de concurso para o magistério secundário e superior oficial. Não se diga que é apenas na letra escrita da lei que eles foram considerados, porque também o exame de leis anteriores é feito assim e a gente esquece de como elas eram cumpridas. Para citar um só exemplo: na Reforma Epitácio, pela forma escrita na lei, havia uma revisão de todas as matérias de madureza, no 6.º ano, e no entanto nunca foi cumprida.

Aliás, o fato é geral. Qual jornal amarelecido pelo tempo tem prestígio de fonte histórica que os de hoje já não possuem.

O primeiro problema só foi considerado por S. Paulo e Distrito Federal, nas respectivas Universidades, estas substituídas pela Faculdade Nacional de Filosofia, criada na Universidade do Brasil.

O do professor particular foi atenuado com o registro provisório (tem 15 anos), infelizmente só em vias de ser atendido agora pelas Faculdades de Filosofia.

Terceiro item, o do recrutamento do magistério oficial, teve solução racional. Com efeito, até então, quando se dava uma vaga, desaparecia o especialista do assunto, e como a própria Comissão Examinadora, saía da Congregação, em número que variou entre três e quatro membros, acontecia que ficava constituída de não especialistas, porque não seria fácil, especialmente em algumas matérias, obtê-los em número suficiente. Houve mesmo casos em que os arguidores poderiam argüir, mas não ser argüídos...

Em uma das escolas superiores, num concurso de astronomia, nenhum dos membros da comissão poderia sequer ser examinado...

A Reforma Francisco Campos estabeleceu que a comissão de 5 membros, dois da Congregação (o que manteria uniformidade com o espírito das Escolas) e 3 de cadeiras análogas à vaga, de escolas congêneres. Além de dar autoridade técnica à comissão, dificultava os conchavos e arranjos da Congregação, que pela aprovação do parecer mantinha, contudo, o controle da escolha de seus

pares. Na escolha de professores de graus primário e secundário, a formação pedagógica sobrepuja a cultural, neste, menos que aquele. Nas escolas superiores, além da necessidade evidente de conhecer a matéria, há a de ser capaz de abrir rumos e horizontes, fazendo sondagens em profundidade, tendo, sobretudo, qualidades inspiradoras.

Ainda a lei Campos veio exigir 5 anos de formatura o que impedirá que espíritos brilhantes passem dos bancos escolares imediatamente para a cátedra, sem a autoridade profissional necessária. Se a necessidade de preparação específica do professor primário é hoje pacífica, a do magistério secundário sofre contestação principalmente entre nós.

O problema no mundo

Em 1935 o Bureau Internacional de Educação realizou um inquérito entre 56 países do mundo, sobre a formação do pessoal docente do professor secundário, trabalho resumido e publicado nos Arquivos do extinto Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. Apenas 10 entre eles não exigiam preparo especializado para o professor secundário e da Europa só a França e a Itália.

Entretanto da própria França nos vinham as palavras de um nobre educador, Jules Payot, em livro que é uma espécie de testamentos profissional, "La faillite de eucement". "Uma criação se impõe: a de 4 ou 5 escolas superiores de pedagogia, com um liceu anexo como campo de observação e de certo modo como laboratório de verificação experimental. Ninguém deveria chegar a um posto de ensino e sobretudo a direção de um estabelecimento sem ter feito aí um estágio."

Não se trata de opinião isolada. Em outro inquérito feito pela revista "L'enseignement scientifique" vários dos depoimentos insistem na mesma nota — a necessidade da formação própria do professorado.

A mesma corrente entre nós. Já o lúcido Azevedo Sodré apontava-o em 1925, como um dos grandes erros da Mo-

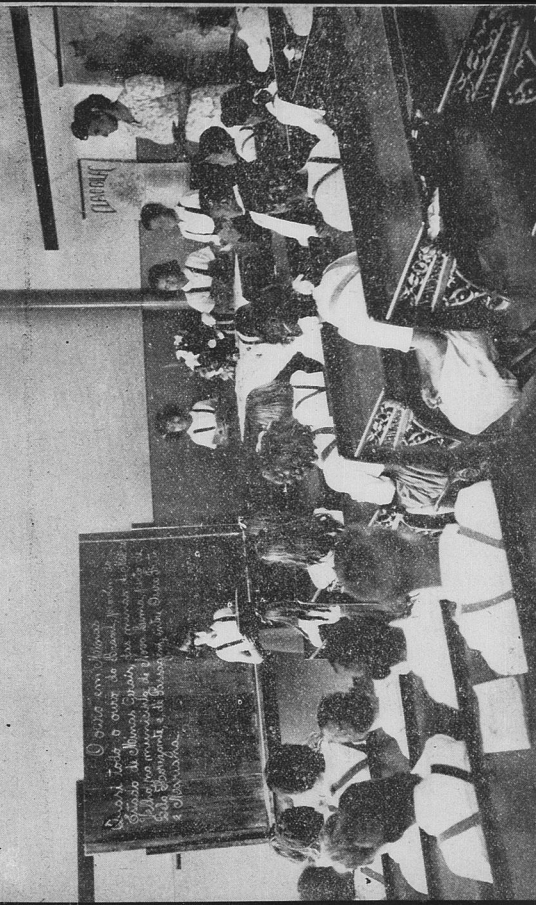
narquia. O inquérito promovido pela Associação Brasileira de Educação, em 1928, contou um número insistente de opiniões no mesmo sentido, como em outro, promovido pelo Estado de São Paulo e dirigido por Fernando de Azevedo.

A evolução no Brasil

Conviria examinar aqui como evoluiu a estrutura da educação secundária, entre nós. Deixando de lado o esboço dos jesuítas e a tentativa mais expressa do admirável Seminário de Olinda, de Azeredo Coutinho, pode afirmar-se que só se definiu depois da instituição dos exames preparatórios por voltas de 1870, regime que instalou uma forma de educação secundária cuja índole perdura até hoje. Com efeito, apesar de tôdas as declarações em contrário, o secundário permanece ainda hoje como mero corredor de passagem para as escolas superiores, esquecida, na realidade, a sua função precípua de formação da adolescência. Ao sistema de preparatórios, soltos e isolados, e até com disciplinas mutiladas conforme a carreira posterior (caso de só geometria plana para direito) se acrescentaram, nas Faculdades de Direito oficiais e na Politécnica os cursos anexos que, por terem falhado, foram suprimidos. Através das várias reformas que se processaram na República, a de 1891 (Benjamim Constant) a de 1901 (Epitácio Pessoa) a de 1911 (Rivadavia Correa) a de 1915 (Carlos Maximiliano) a de 1925 (Rocha Vaz) a de 1931 (Francisco Campos) e agora a chamada Lei Orgânica de 42 (Gustavo Capanema), a despeito de cada qual declarar mais ou menos explicitamente que tudo quanto encontrara estava errado, percebe-se uma linha nítida de evolução, para a qual colaborou uma opinião doutrinária, que consistia em substituir os preparatórios por um curso seriado.

De fato, o sistema seriado em que as disciplinas eram graduadas, através de anos sucessivos, permaneceu simultâneo com o de preparatórios, até 1925. Os preparatórios também sofreram modificações, pois que, do arbritrio da escolha inicial, surgiu a limitação ao número de quatro por ano e

Grupo Escolar de Bicas. - Clube de Leitura "Clube Bilac"

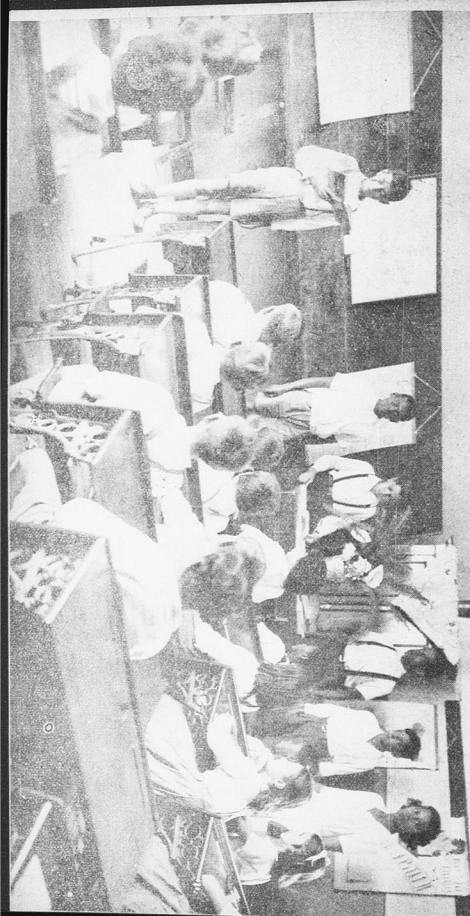


depois a precedência de disciplinas fundamentais. Com a reforma de 25 os exames eram feitos por séries, obedecendo assim a uma graduação de estudo necessária. Persistia, porém, em intensidade decrescente, o regime de preparatórios. Com a reforma Francisco Campos a seriação tornou-se obrigatória e extinguiu-se de vez o mal dos preparatórios. Foi, sem dúvida, esta reforma a primeira que, nas possibilidades da letra expressa, permitiu ao curso secundário o caráter formativo e educativo que deve ter. Eliminados os preparatórios, conservou entretanto acertadamente, pelo art. de funcionamento. Com despesa reduzida, que não atingiu a dois milhões de cruzeiros, pôde aparelhar as seções de física, de química, de botânica, de zoologia, de mineralogia, com material que permitiu toda a eficiência de sua aprendizagem. Igualmente a biblioteca científica que organizou, feita de livros fundamentais, é das mais completas e está hoje na Biblioteca Central de Educação, como a maior parte da aparelhagem na Faculdade Nacional de Filosofia.

Os cursos de integração profissional, realizados sobre a direção autorizada de Lourenço Filho, no Instituto de Educação, tiveram a mesma eficiência. As outras Faculdades balizaram-se pelos mesmos rumos.

Afrânio Peixoto, que teve de emprender uma viagem a Europa, por conta própria, consegue com a colaboração inestimável de George Dumas, da Universidade de Paris, a vinda de dez grandes mestres franceses. Quando a conjura de inveja e intriga logrou afastar o nobre educador baiano da Secretaria Federal de Educação e Cultura, o seu sucessor, sr. Francisco Campos, em face da demissão coletiva dos auxiliares imediatos de Anísio Teixeira, e matidade desassomburada, expressa em documento redigido por Afrânio Peixoto, convida para suceder-lo na Reitoria outra grande figura da cultura brasileira, prof. Miguel Ozório. A este, mais tarde, substitui Afonso Pena Jr. Com o golpe de Estado de dez de novembro demite-se este último e, mudando o governo é chamado para a Secretaria Geral o sr. Paulo de Assis Ribeiro, nomeado Reitor o sr. Alceu Amoroso

Grupo Escotor de Bicos. Uma reunião do Clube de Cultura
e Arnaldo Barenha, do 3º ano.



Lima. No seu termo teve ainda o prof. Baeta Viana, catedrático da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, onde vem realizando, nos seus cursos, na biblioteca, na assistência acadêmica, uma obra educativa sem paralelo, entre nós. Ainda assistiu a seus últimos dias de agonia o sr. Luiz Camilo. Como se vê, nenhuma instituição no Brasil poderá apresentar, em sua suprema direção, maiores nomes, do que a destes seis eminentes brasileiros, todos respeitáveis e respeitados nos setores de suas atividades. Se se fizer uma consulta a todos os alunos que frequentaram a U. D. F. e a todos quantos a nela trabalham ou que com ela tiveram algum contato, será quase unânime, senão unânime, o depoimento de sua eficiência e dos serviços imensos que prestou à cultura e ao progresso do país, cujos resultados ainda estão vivos e presentes. Os que ela formou estão todos em várias atividades científicas ou culturais ou no magistério atuando útilmente para bem de nossa educação. Entretanto, uma instituição de tal porte foi extinta sumariamente sem uma justificativa, por um conluio do Ministério da Educação com a Prefeitura do Distrito Federal, sem que se desse qualquer explicação ou motivo justificado. E nem se invoquem razões de economia, porque o seu custo era cêrca de cinco milhões de cruzeiros anuais, incluída a despesa do Instituto de Educação, que continuou, num momento em que se construía uma estrada de rodagem, um tanto suntuária de preço muito mais elevado. A Faculdade Nacional de Filosofia, com que se pretendia substituir a extinta Universidade, continuou longo tempo a funcionar na mesma escola primária e só se instalou, mais ou menos convenientemente, depois da ocupação da Casa de Itália e permaneceu longo tempo sem diretor... Como se vê parece que se pode concluir com o clássico *quod eram demonstradum* (se o latim está certo)...

A Universidade de São Paulo foi pioneira

A Universidade de São Paulo foi a pioneira na criação de instituições de cultura desinteressada e da formação do professor secundário. Fê-lo com a alta compreensão dos ob-

jetivos patrióticos a que visava tal empreendimento. O governo Armando de Sales Oliveira enviou à Europa um dos maiores matemáticos e educadores brasileiros, o professor Teodoro Ramos, para escolher, em vários países, mestres projectos com que compor a nova instituição. A sua cultura e o seu alto senso de conhecimento dos homens fizeram vir para S. Paulo mestres projectos da França, da Itália, da Alemanha, de Portugal, a que se juntaram alguns brasileiros, permitindo, por uma fecunda transfusão de idéias, a formação de uma cultura, que conservando as indispensáveis características universais, servissem ao estudo das questões e dos problemas nacionais. Tem, pois, a Universidade do Estado bandeirante graves responsabilidades perante a Nação. Oxalá que esta medida em relação ao professorado secundário, tomada pelo governo federal, por proposta de alguns de seus dirigentes, inspirada seja pelo erro, pelo engano ou pelo capricho, não venha trazer graves prejuízos a toda a educação nacional. Infelizmente no Brasil não há memória. Tudo passa e tudo se esquece. Não se sabe que fatalidade condena as nossas realizações quase sempre a existirem no passado ou no futuro. Ou foram ou vão ser. Quando o são, no presente, que pena que durem tão pouco. Sua alma, sua pal-

O problema da formação de professor secundário, é destas questões chaves dentre as que são mais urgentes a educação nacional. Ninguém melhor o exprimiu do que o professor Fernando de Azevedo, na formosa oração com que parainfou a primeira turma de professores secundários formados oficialmente no Brasil, com as seguintes palavras:

"Mas de um lado, a própria finalidade nacional da educação secundária, na preparação da unidade moral e espiritual da nação, e de outro as condições econômicas que não permitem a família senão realizar de maneira muito insuficiente, sua tarefa educativa, exigem cada vez mais, que a função do professor secundário, longe de se reduzir ao en-

sino, se amplie e se complete com a de educar e formar adolescentes. Dai procede que, se o que temos de formar é um professor e um educador ao mesmo tempo, não somente um despertador de vocação e um organizador de cultura, mas um formador de caracteres e um criador de valores espirituais e morais, por cuja palavra, exemplo e atitudes se vai trocando antecipadamente o leito por onde se escoarão as aspirações e destinos de gerações saídas das suas mãos, a sua formação educativa tem de passar ao primeiro plano das cogitações de uma política de educação nacional".

FRANCISCO VENANCIO FILHO

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Exame médico preventivo

A saúde de cada indivíduo depende muitas vezes de si mesmo. Submeta-se a exame médico periódico, mesmo no estado de saúde aparente. Muitas doenças graves são traiçoeiras e passam despercebidas no seu início. Entretanto, quando reconhecidas a tempo, são perfeitamente curáveis. Estão neste caso a tuberculose e o câncer. É sempre mais fácil prevenir do que curar.

Carteiras sanitárias

O Regulamento Sanitário exige que todos os empregados domésticos, empregados de hotéis, açougues, padarias, etc., enfim todos os que manipulam gêneros alimentícios, tenham carteiras sanitárias fornecidas pela Saúde Pública.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)

Mensagem aos professores

OCTAVIO VEJAR VASQUEZ
(Ex-ministro da Educação do México)

N. R. — Há pouco mais de um ano, quando o México ainda se achava em guerra, Octavio Vejar Vasquez, no dia 15 de maio, dia dedicado ao Professor naquela Nação amiga dirigiu oportuna mensagem aos mestres mexicanos. Ainda há absoluta oportunidade para os acertados conceitos emitidos na mensagem de 1945 e assim, como uma homenagem aos educadores mexicanos, publicamos a tradução do trabalho do operoso, antigo ministro de Educação da terra azteca.

Vimos hoje, com o tributo de um pensamento puro, render justa homenagem ao Magistério da República, isto é, a todos os professores do país sem distinção de hierarquias ou dependências; aos que renunciando às múltiplas inquietações da vida urbana ou mergulhados na solidão do campo, consomem sua existência na tarefa superior de modelar a alma virgem da infância e da juventude; aos anciões que a fadiga de um trabalho prolongado levou ao descanço da jubilação e aos jovens cuja vocação profissional se esclarece e se afirma nas aulas das escolas normais; aos que jazem no esquecimento pela ingratidão das gerações que se formam e aos que, em outras terras, tombaram injustamente sacrificados pelos inimigos da liberdade.

Passada a época em que a educação se limitava ao cultivo de um grupo social, a tarefa do professor é agora tão

vasta que não se pode concretizar na preparação privilegiada de alguns tantos, mas aspira ampliar seu poder criador preparando todos os filhos da Nação para o exercício dos direitos inerentes à simples categoria de homens.

O ideal democrático do ensino

O ideal democrático do ensino é a libertação de todos pelo trabalho da escola e a multiplicação desta, é empenho peculiar dos mais verdadeiros regimes democráticos e por isso, em nossos tempos, adquire o Magistério suas maiores dimensões morais e se converte no libertador por excelência.

Para definir a missão e as características de um professor é preciso hoje, nas inquietas circunstâncias que nos envolvem, recordar que o México vive a imensa tragédia da guerra e que, além disso, pela sua situação geográfica, colocado entre os dois maiores mares e na região central do Continente Americano, é a encruzilhada das idéias, os interesses econômicos e todas as influências dos povos do Velho e Novo Mundo; feitos carregados de promessas, mas também de obscuros perigos advertem que apesar das dores de sua agitada história, nosso país não achou ainda as formas definitivas da sua nacionalidade.

As instituições educativas que atuam diretamente sobre mais de uma décima parte da população total do país, devem realizar a transcendental missão que lhes corresponde na defesa da nossa Pátria. Cada grau do ensino tem um trabalho específico a realizar. O papel do professor atinge seu mais alto relevo pois não tem apenas de limitar sua ação ao futuro, mas ainda deve dirigí-la em razão das exigências do presente. A preparação da infância e da adolescência; a orientação pública em todos os meios particularmente nos meios rurais, sobre os princípios que o México mantém e o adequado aproveitamento das possibilidades de produção nos anexos da escola, constituem a medula do seu trabalho. Cabe ao chefe do Estado determinar as direções segundo as quais o Magistério há de converter-se no meio consciente de uma campanha

nacional que tenda dar vigor ao espírito pátrio, a fim de que todos os mexicanos colaborem com entusiasmo na salvação da República.

Fomos vítimas de uma agressão injusta e lutamos pela liberdade. A guerra atual é uma autêntica luta de libertação porque quer salvar da escravidão todos os homens sem distinção de amigos ou inimigos; porque defende a dignidade humana e com ela todos nós, o decore de nossa pátria.

Fácil é admitir no conflito universal três frentes: uma, na qual os exércitos de terra, mar e ar combatem; a outra, no interior de cada país, onde as energias produtoras trabalham dia e noite, e a terceira na consciência de cada ser, em cujo espírito tem de definir-se o que deve caber para a formação do novo mundo regido pelos princípios eternos da verdade e do amor; um mundo livre e justo em que cada qual possa desenvolver, plenamente, as possibilidades humanas que em si existem.

Orientação da educação

A dor universal exige que a educação se oriente no propósito de consagrar a infância e a juventude aos luminosos fins da vida e não às amargas divindades da morte. A história não deve continuar chorando lágrimas de sangue. Por felicidade, na América, as correntes políticas, sociais e econômicas, fertilizam a atividade educativa, e, afirmando a consciência nacional de cada povo, ampliam indiretamente o horizonte da confraternização humana. Só quem ama e compreende em toda sua plenitude sua pátria, é capaz de entender que os demais têm também sua pátria e que a devoção por ela é tão respeitável e tão funda como o próprio amor. A fraternidade universal pressupõe o amor nacional; renegar a própria pátria é renegar todas as outras e portanto a humanidade que nela se encarna. Formar a consciência nacional para a guerra e principalmente para a paz, constitui a tarefa imensa do professor mexicano. As novas gerações esperam do magis-

tério não apenas uma instrução especial útil para fins práticos e imediatos, mas a criação de um sistema capaz de organizar adequadamente a homogeneidade de nossa cultura, constituindo sobre bases firmes a definitiva unidade nacional.

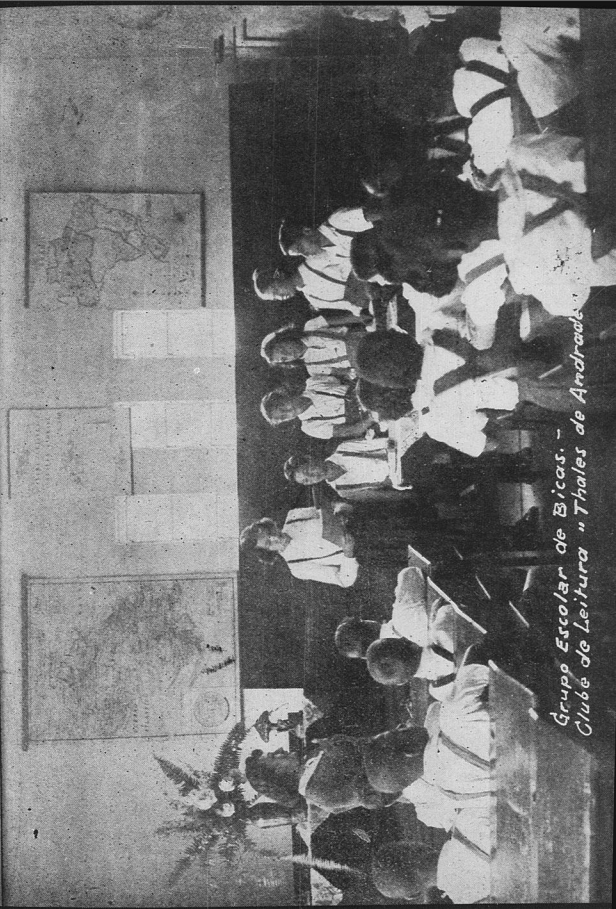
O professor e a comunidade

Em todos os países o professor não se limita a transmitir seus ensinamentos aos alunos, mas dirige, em grande parte, o pensamento da comunidade. No México esta dupla ação tem enorme interesse, pois na sua grande maioria as comunidades modelam-se conforme a conduta do guia que encontram no professor, pelo exemplo que a existência lhe oferece e o estímulo que seu trabalho apresenta para a obra dos demais. Os educadores que vivem em contacto direto com o povo do México, devem advertir sempre sobre a imperiosa necessidade de enraizar as doutrinas em terra própria, pois nossos problemas reclamam, em cada caso uma solução genuinamente nacional.

Assim o Magistério é como o exército do espírito que tem de combater contra as forças destruidoras da alma coletiva; e, se a missão do professor representa uma das manifestações mais elevadas do desinteresse humano, parece oportuno definir as qualidades e em rápido esboço traçar sua figura.

Convém adiantar que nos referimos, não em geral ao educador, mas em particular ao professor, ao homem cujas atividades se distinguem pelo predomínio da tarefa docente ou do ensino, sobre as demais funções educativas.

Tanto se tem explorado as características do professor; tão múltiplos e diversos atributos lhe são exigidos, que, se na realidade tivesse de atender a todos eles, poderíamos afirmar que jamais existiu um verdadeiro professor. Por isso nos limitamos a considerar que o conjunto entranha uma convivência, mas não uma exigência e da grande variedade de caracteres, tanto somáticos como psíquicos, assinalaremos unicamente aqueles que o momento do México reclama como indispensáveis.



Grupo Escolar de Bicas. - Clube de Leitura "Thales de Andrade".

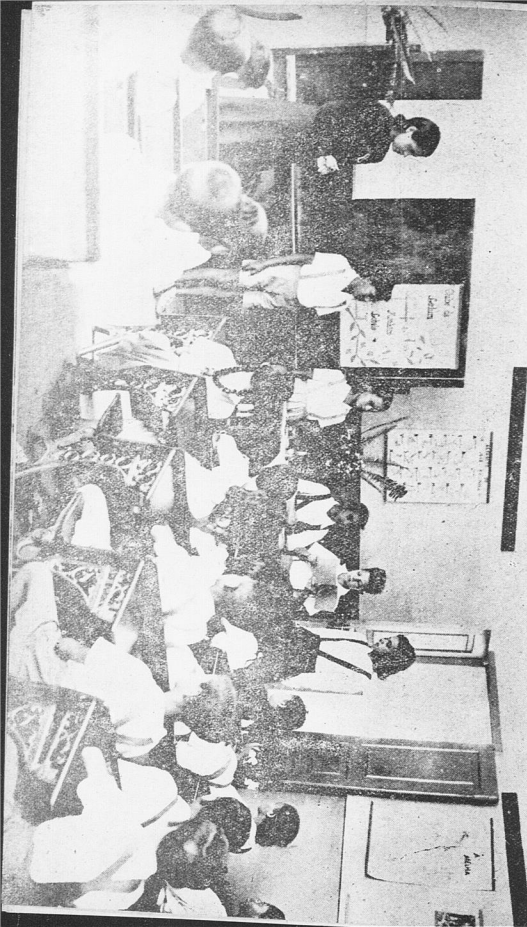
A escola é uma missão

O Magistério é um sacerdócio; a escola verdadeira tem sempre o sentido de uma missão. As mãos que toquem o sacrário da consciência infantil devem ser limpas e movidas por um espírito superior e isto só se consegue através do amor, que supõe plenitude da alma, riqueza da vida interior, segurança, confiança em si mesmo. Só quem tem posses é capaz de dar copiosamente e o amor é, antes de tudo, doação e entrega. Da abundância do coração fala a boca. A alma mesquinha guarda com avareza o pouco que têm e se inquieta frente à suspeita de qualquer desperdício. Do caudal generoso surge com esplendidez, a aptidão para colocar-se no centro da vida pessoal da criança e de compreendê-la na sua originalidade irredutível. O professor prodigalizando-se aos discípulos sente satisfação, partilha das suas alegrias, sofre as suas desditas, participa dos seus anelos, penetra na intimidade de sua alma, de sua vida interna e chega à diáfana percepção desse mundo que para ele é valioso. Esta compreensão do aluno alarga os horizontes da vida do professor, sobre o Universo às mais amplas perspectivas reúne na unidade de uma comunhão cada dia mais ampla, a multiplicidade dispersa, fechada e anárquica das visões individuais sós e separadas.

Plenitude espiritual

Para atingir o alvo, para chegar a vêr no discípulo uma pessoa como um mundo seu e considerá-lo com uma dignidade análoga à própria, é preciso possuir a mais alta plenitude espiritual. Só quem a adquire é capaz do mais nobre amor; ele é a virtude de fortes que se acha vinculada sempre a uma vigorosa personalidade. Mal poderia aspirar a formar a personalidade de outro — e nisto tem raízes a essência da educação — quem não seja dono de sua própria forma de existir. Um carácter poderoso e firme arrasta consigo a alma dos demais; namora pela força invencível do seu amor; por sua simples presença levanta quanto toca; o poder de

Grupo Escolar de Escas - Clube de Leitura "Monteiro Lobato"



irradiação se faz irresistível; a alma forte se derrama, por excesso se verte e ao entregar-se se afirma. Personalidade, amor, qualidades essenciais do professor. Quem as possui com profundidade conquistou o essencial, porque sem elas não se entende a educação; sua presença descobre e ilumina no mundo uma riqueza de valores antes insuspeitados e os leva gradativamente à sua plena realização. Quem se sente estimado anela merecer tal coisa e empenha todo seu esforço em tornar-se digno do afeto que recebe. Educar não é senão perceber e descobrir com murada pura as aptidões e capacidade do discípulo e viver o esforço para convertê-las em realidade positiva e fecunda. Só é possível conduzir o aluno à plenitude do seu ser e do seu valor se o professor se situa perante ele e o considera e o compreende com intelecto de amor. Para conhecer e estimar a criança é preciso chegar ao centro de sua vida espiritual, escutar em silencioso respeito a melodia de sua personalidade nascente e iluminar o caminho que corresponde às suas disposições e natureza. Por isso é indispensável ao professor a firme vocação que nele é amor incondicional à humanidade e em especial à criança, esperança de homem.

Necessidade de preparação

Mas, nada se pode conseguir sem uma metódica e segura preparação. O professor deve adquirir plena consciência do tempo em que vive, das grandes forças construtoras que através dos séculos têm vindo integrando o país, de sua responsabilidade na conservação e impulso dos tesouros culturais que recebe e transmite. Conhecerá serenamente os problemas nacionais porque somente dessa maneira poderá criar o tipo de escola adequado aos mesmos e ser instrumento útil na sua solução. Um professor que se deixa mergulhar na ignorância dos movimentos artístico, científico, filosófico e social do México, um educador que desconheça as aptidões e anelos das novas gerações e os inapreciáveis recursos materiais e espirituais que constituem o patrimônio nacional, é um professor inanimado, inerte, de rendimento mínimo.

Além de amor e técnica requer-se um grau sensível de cultura; essa que se manifesta na silhueta total da pessoa, no seu comportamento, nos seus ademanes, no ritmo de sua vida material e no vôo de sua alma; cultura que é saber assimilado tomado medula da atividade espiritual, conformação profunda do ser humano na sua integridade. O homem culto aspira conhecê-la e possuí-la, porque na essência lá o tem. Não lhe é estranha a aptidão necessária para que tudo no universo se abra para ele e lhe ofereça tesouros. A cultura e, neste sentido, culminação de amor, do amor universal. A aspiração insatisfeita busca na realidade e na história substância nutritiva; o mundo inteiro se incorpora ao indivíduo e é arrastado no ímpeto incoercido do seu anelo. Mediante os ideais da cultura aperfeiçoamos nossa personalidade e isto é o essencial porque poucos problemas tão obscuros se podem oferecer como esse irreconciliável, de chegar a ser aquele que por substância e na raiz de nossa vida já somos: homens em um sentido universal, homens completos.

O professor e a moral

Na tarefa cotidiana, insistimos, será o professor encarnação da moral, fazendo de sua existência um continuado exemplo, pelo desinteresse de sua conduta, pelo espírito, de sacrifício com que pauta seus atos. Será seu trabalho diário, um ininterrupto esforço construtor que dê vida profunda ao verso do poeta: semeando sempre, sempre semeando. Só assim ganhará a confiança dos pais de família e o coração do povo mexicano.

E é nas escolas normais onde faremos fundir este tipo exemplar de professores. Por felicidade as escolas normais, no curso dos tempos, têm alcançado raios de ação de imenso horizonte e no México, se a marcha para conseguir os objetivos atuais tem sido lenta, nota-se em compensação um incessante progresso desde seu nascimento. Destinadas em princípios à formação de professores primários, evoluíram até o vasto sistema do regime legal vigente que projeta nosso

ambicioso anelo de preparar professores para todos os tipos e funções e nossa luta pela manutenção elevada de sua eficiência.

Neste aspecto nosso propósito compreende, em lugar preferencial, o aperfeiçoamento daqueles professores que chegaram à docência por vocação incontida, os que largamente experimentados, são hoje nobres exemplos de sacrifício, mas que as necessidades urgentes de viver impediram de alcançar a graduação.

Para cumprir a missão

Para que o professor possa cumprir com eficiência a missão que lhe cabe, é justo recordar-lhe hoje, é necessário uma atmosfera material e espiritual propícia. Nosso país é de modestos recursos econômicos e não pode oferecer as merecidas comodidades aos trabalhadores da educação, mas pode oferecer-lhes condições decentes de vida, se as entidades oficiais se empenharem com o máximo esforço e a iniciativa privada se manifestar generosa.

O Magistério deve ficar à margem do perigo do desemprego e da velhice desamparada. Triste é confessar que nos últimos cinco anos os professores perderam, sem querer, alguns dos direitos que suas leis especiais estabeleciam. Sente-se já a premente necessidade de um estatuto que regule a inamovibilidade, fixe o sistema de promoções, determine as recompensas, as jubilações e os múltiplos interesses do Magistério de todo o país; resulta inadiável organizar em definitivo este exército do espírito formado por todos os professores da República.

Fora da política eleitoral, sem prejuízo dos direitos e deveres da cidadania: à margem de toda propaganda sectária, sob amparo eficaz de leis que lhes dêem segurança, livrando-os das incertezas do amanhã, os professores poderão dedicar-se com patriótico afã, ao exercício da docência e reconhecerão que se entregarem às lutas irritantes da discórdia e da agitação, é renunciar à ascendência que exercem

sobre a alma das coletividades, esquecer a dignidade do cargo e o carácter generoso e austero de sua missão, e, em suma, trair o seu destino.

Professores de meu país, neste dia venturoso que a Nação consagrou a vossos sacrifícios, quero repetir em minha mensagem cordial as palavras certas do sr. Avila Camacho: "O México tem sede de conhecimento. O manancial destinado a matar esta sede está nas mãos dos nossos educadores".

OTÁVIO VEJAR VASQUES

ASSINATURA DA "REVISTA DO ENSINO"

	Cr \$
Anual	50,00
Semestral	25,00
Número avulso	5,00
Coleção de um ano	50,00

Os pedidos devem ser endereçados a J. B. Santiago — Diretor da "REVISTA DO ENSINO" — Secretaria da Educação — Belo Horizonte.

Importancia do diagnóstico educacional

MARGARET HALL

O grande número de alunos que não conseguem ser aprovados em seus exames ao terminar o ano letivo e que, portanto, se vêem obrigados a repetir o curso ou a abandonar a escola, constitui ainda um grave problema, não só pelo que isso representa para o Estado que custeia o ensino, mas também pelo que significa para os próprios alunos.

Embora seja verdade que muitos dos chamados *fracassos* escolares obedecem a causas e fatores que a escola por si só não pode remediar, mas que deve compreender, é um fato indiscutível que não poucos destes fracassos podem e devem evitar-se. Visando a tal fim, a moderna ciência pedagógica pôs ao serviço do ensino certos recursos técnicos, cuja eficácia tem sido amplamente demonstrada.

O trabalho, que oferecemos no presente número, versa precisamente sobre um de tais recursos, tendo sido especialmente preparado para a Série de Educação do Departamento de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana pela Dra. Margaret Hall, psicóloga da Seção para o Estudo da Criança do Departamento de Instrução Pública de Chicago, a qual é autora de várias monografias sobre temas psico-pedagógicos, publicadas em muitas das mais conceituadas revistas educacionais latino-americanas.

A gratuidade e a universalização do ensino criaram para a escola novos problemas e responsabilidades. A educação pública, gratuita e universal significa que crianças, entre as quais se verificam cada vez maiores diferenças, frequentam por períodos muito mais longos do que em tempos passados os diversos educandários.

Quando a educação formal estava ao alcance somente de uma maioria privilegiada, as crianças que iam à escola

constituíam um grupo muito mais homogêneo que o dos escolares contemporâneos. Devida à essa homogeneidade, não existiam então muitos dos problemas que se apresentam hoje às instituições de ensino. A escola contemporânea abre suas portas a educandos de todas as condições econômicas, sociais, culturais e intelectuais imagináveis, e, ao empreender a difícil e complexa tarefa de educar, amiúde, dentro da mesma sala de aula, crianças tão dissemelhantes, teve de estender seu raio de ação no que se refere à variedade de habilidades e de temperamentos com os quais deve laborar.

Além dos problemas, que surgiram como resultado da heterogeneidade do elemento estudantil, o labor docente complica-se enormemente pelo fato de que a progressiva ampliação do conceito de educação impôs à escola novas e mais complexas funções. Ao passo que a escola antiga circunscrevia sua tarefa ao cultivo do intelecto, a de hoje trata de educar a criança integralmente, o que quer dizer que, no programa escolar, o desenvolvimento emocional, o bem-estar físico e a formação do caráter são tão importantes como o desenvolvimento intelectual.

Não é de surpreender, pois, que, pela magnitude do problema didático de adaptar o ensino às necessidades e capacidades de um elemento heterogêneo e de realizar um programa educativo mais amplo, os alunos tropeçam com dificuldades ou fracassem nos estudos. Este fato salienta a importância de todo esforço que se fizer no sentido de diagnosticar tais dificuldades, em distintas etapas do processo educativo, bem como a necessidade de atender melhor às diferenças individuais mediante a individualização do ensino.

Graças ao progresso extraordinário que se realizou em anos recentes em matéria de métodos quantitativos e qualitativos para a medição e avaliação da madureza e habilidade mental do aproveitamento pedagógico e de outros aspectos de desenvolvimento, o diagnóstico das necessidades e deficiências, individuais estabeleceu-se sobre uma base mais científica havendo se tornado ao mesmo tempo mais prático e específico.

Tal progresso impõe à escola o dever de utilizar os modernos recursos disponíveis não só para o *diagnóstico e correção* das deficiências ou dificuldades dos alunos, mas também para a prevenção das mesmas mediante a aplicação dos processos didáticos que aconselhem os resultados do diagnóstico. O aproveitamento dos recursos aludidos exige os serviços de psicólogos escolares e outros peritos na técnica de formular e dirigir um programa de diagnóstico e ensino corretivo. Não há sistema escolar que se preze de moderno que não conte com tais serviços.

FIM E ALCANCE

O fim do diagnóstico educativo é descobrir e compreender as causas pelas quais certos alunos não se adaptam satisfatoriamente à situação escolar. Ao diagnosticar, por exemplo, o caso de um aluno deficiente em Leitura ou Aritmética, investigam-se as deficiências específicas e os fatores que as produzem, como base para a correção das mesmas.

Assim como na prática da medicina o facultativo estuda a enfermidade do paciente e investiga suas causas, antes de prescrever o tratamento que convém ao caso, no ensino é preciso diagnosticar as deficiências do educando, antes de se lhe aplicarem as medidas corretivas.

Se quanto ao fim o diagnóstico educativo não difere do médico, vale observar que o primeiro é muito mais amplo que o segundo, porque trata não só de condições e defeitos patológicos, mas também de dificuldades que crianças normais experimentam no processo de aprender. Além disso, as causas destas dificuldades, raramente, são tão específicas como as que produzem os transtornos físicos. Por isso, ao tratar-se de uma deficiência educativa, não deve pensar-se numa ou duas causas específicas, mas num complexo de causas e fatores. A evidência, que se possui a respeito, demonstra que muitas dificuldades ou deficiências aludidas não obedecem a defeitos orgânicos, mas à formação de maus hábitos, devida a condições e métodos de ensino previamente empregados com o aluno.

A situação em que se realiza o processo do aprendizado, é muito complexa e nela intervêm muitos fatores que podem classificar-se como segue:

- a) *Físicos*: aparelho sensorial, estado de saúde, grau de maturidade fisiológica, etc.
- b) *Intelectuais*: nível mental, capacidades e incapacidades específicas.
- c) *Emotivos*: atitudes, interesses, preconceitos, etc.
- d) *Educativos*: experiência escolar prévia, hábitos de trabalho, efeitos de certos métodos didáticos, etc.
- e) *Ambientais*: Ambiente escolar, programa de ensino, professor, condições domésticas, educação e atitudes dos pais.

A fim de alcançar a maior compreensão da natureza de uma séria dificuldade educativa, é necessário frequentemente investigar todos os fatores mencionados. Como a educação moderna se preocupa com o desenvolvimento integral da personalidade do educando, o diagnóstico não pode limitar-se à identificação dos obstáculos que impedem o progresso *acadêmico* do aluno, mas também tem de prestar atenção a dificuldades de caráter menos tangível, como as que ocorrem no terreno das atitudes, interesses e ajustamento pessoal e social da criança. Daí que o diagnóstico, para ser complexo, deva basear-se no estudo clínico circunstanciado do paciente e de seu ambiente escolar e doméstico, o que exige muito mais que a aplicação de provas e exames, por mais eficazes que estes sejam.

Assim concebido e praticado, o diagnóstico educativo redundará em enorme benefício, não só pelo fato de que o ensino que nele se baseia tem de ser mais eficiente, mas também, porque difunde muita luz sobre as medidas *preventivas* que convém aplicar, a fim de evitar dificuldades semelhantes em outros alunos.

Etapas essenciais

O processo do diagnóstico educativo compreende cinco etapas essenciais. Na primeira identificam-se os alunos que encontram dificuldades e que, portanto, requerem atenção es-

pecial; na segunda identifica-se a natureza específica da dificuldade em cada caso; na terceira determinam-se as causas ou fatores de tal dificuldade; na quarta formula-se um plano de ensino corretivo; finalmente, na quinta, utilizam-se os resultados obtidos para a prevenção de dificuldades semelhantes no futuro.

Como se vê, as quatro primeiras etapas tendem à correção de deficiências, ao passo que a última é de caráter preventivo. Em cada uma das etapas mencionadas, procede-se, como no terreno da Medicina, dos sintomas às causas, do geral ao específico. Vejamos mais proeminentemente cada uma destas etapas.

Identificação de casos

É óbvio que todo esforço feito em matéria de diagnóstico tem de começar com a identificação dos alunos que não se adaptam satisfatoriamente a um ou mais aspectos do programa educativo. Como selecionar tais alunos numa escola ou sistema escolar de matrícula numerosa? Se se obedecer ao método tradicional não há nada mais a fazer do que ater-se à opinião ou juízo do professor a respeito dos alunos que não se encontram ao nível da classe ou não aproveitam de acordo com suas capacidades. Embora este procedimento tenha o mérito de não requerer maior esforço que o de solicitar a opinião do professor, padece dos erros e limitações de todo o método que se baseia principalmente em apreciações ou juízos de caráter subjetivo.

Outro método muito comum, especialmente nas escolas que carecem dos recursos técnicos modernos, fundamenta-se nos resultados de exames que o próprio professor prepara e aplica à sua classe. Esse método tem a virtude da simplicidade, porém, é insuficiente, pois não permite a comparação dos alunos de uma classe com os de outras, nas mesmas circunstâncias.

Nas escolas modernas, a seleção dos casos que requerem atenção especial faz-se tomando em consideração os resulta-

dos de provas "estandardizadas" de inteligência e de aproveitamento ou rendimento acadêmico. As primeiras proporcionam um índice do nível mental de cada aluno assim como da rapidez com que pode aprender; em outras palavras, proporcionam a medida da potencialidade do educando. As segundas, que geralmente compreendem exercícios de Aritmética, Leitura e das outras matérias do programa, indicam o que cada aluno aprendeu. A comparação dos resultados de ambas as provas mostra a relação que existe entre o rendimento e suas potencialidades.

Com a informação que se obtém mediante a aplicação a todo o grupo escolar das provas aludidas, e mediante os dados adicionais que subministrar o professor, é possível identificar os alunos que encontram dificuldades ou que devem receber atenção especial. A relativa seriedade destas dificuldades determina-se pela discrepância que se registra entre o nível de aproveitamento ou *idade educacional*, segundo o indicam os resultados das provas respectivas, e a idade do mesmo, de acordo com a prova de inteligência. Por regra geral, considera-se que os alunos, cuja idade educacional exceder de um ano a idade mental respectiva, devem ser objeto de um estudo diagnóstico complexo, e receber o ensino corretivo que convenha a cada caso.

Este último método de seleção de casos baseia-se no princípio de que o progresso de cada aluno deve estar em relação direta com suas próprias capacidades e, portanto, não deve subordinar-se a normas arbitrariamente estabelecidas. Em virtude deste princípio não se considerarão como casos que requeiram ensino corretivo os escolares de baixo quociente de inteligência, cujo rendimento, por menor que seja, corresponder à sua respectiva idade mental. De outro lado os alunos de inteligência superior, que não produzirem de acordo com suas potencialidades, deverão ser estudados com o objeto de conhecer e remediar as causas, em virtude das quais tais alunos não alcançam o nível que deles se pode esperar.

Uma vez selecionados os alunos que não de ser objeto de prolongado estudo, é preciso determinar se os mesmos estão atrasados igualmente em tôdas as matérias ou fases do programa escolar, ou se as deficiências ocorrem só em certos ramos, tais como a Leitura e a Aritmética. O processo diagnóstico varia com a natureza dessas deficiências.

Especificação das dificuldades

De certo modo pode dizer-se que o processo diagnóstico começa realmente com a tarefa de determinar ou identificar a natureza específica das dificuldades. Esta tarefa inicia-se com a análise dos erros cometidos por cada aluno nas provas de aproveitamento mencionadas anteriormente. Para o diagnóstico dos casos de dificuldades menores, dita análise é amíúde suficiente. Alguns erros, sobretudo os que comete um número considerável de alunos, podem revelar dificuldades comuns à classe e indicam ao professor as deficiências que deve aplairar mediante o ensino corretivo. Os casos de alunos, cujos erros revelam sérias dificuldades, devem submeter-se a um estudo diagnóstico circunstanciado.

Para êste fim existem provas diagnósticas especiais de Aritmética, Leitura, Ortografia e outras matérias do programa escolar. Tais provas diferem das de aproveitamento, pois, além de determinar o nível geral de rendimento escolar, determinam o grau em que o aluno domina os variados e múltiplos processos próprios de cada disciplina. Assim, por exemplo, uma prova diagnóstica de Aritmética apresenta ao aluno distintos problemas ou exercícios de cada tipo, formulados e preparados de tal maneira que os erros que êle cometer em tais problemas ou exercícios demonstram que processos ou habilidades aprendeu mal ou não domina suficientemente.

Um processo muito útil que se pode empregar para diagnosticar uma dificuldade em matéria de Aritmética, é fazer com que o aluno resolva os problemas ou exercícios em voz alta. Dito processo permite que a pessoa encarregada de

diagnosticar o caso tenha uma noção exata dos métodos ou hábitos de trabalho do sujeito, o que não é possível no caso das respostas ou soluções que se dão por escrito. A fim de ilustrar a vantagem do processo aludido, cita-se o caso de um aluno que cometia muitos erros em exercícios simples de somas de grandes números. Logo que o dito aluno fez um destes exercícios em voz alta, o psicólogo escolar descobriu que a dificuldade estava em que o menino não somava os números na ordem devida, mas que somava primeiro os maiores e depois os menores. De outra maneira não se teria descoberto a origem de tal dificuldade.

As provas diagnósticas de Leitura constam geralmente de exercícios concebidos com o fim de medir a eficiência em distintas fases da Leitura tais como a oral, a silenciosa, a compreensiva, a de palavras isoladas, a que se faz para captar pormenores ou a idéia principal de um parágrafo, etc. Recentemente, alguns peritos na matéria elaboraram provas, cujo fim é descobrir os erros que cometem os alunos no reconhecimento das palavras. A êste tipo pertence a série de provas preparadas por Monroe Marian — "Children Who Cannot Read", University of Chicago Press, Chicago, Illinois, U.S.A. — as quais servem para diagnosticar erros tais como os seguintes: inversão de ordem das letras, confusão de letras de forma semelhante (*d e b, u e n*), adição ou omissão de um som, substituição de uma palavra por outra, adição ou repetição de uma palavra, etc. Este diagnóstico é de sumo valor, já que, em virtude do mesmo, o ensino corretivo se dirige acertadamente para a eliminação das dificuldades específicas, sem ocasionar ao aluno perda de tempo com a prática de exercícios desnecessários.

Assim como as provas diagnósticas de Aritmética e Leitura, as de Ortografia também têm por fim o descobrimento e a análise de erros ortográficos. Ao psicólogo escolar, ou, na falta deste, ao professor, não lhe basta saber que um determinado aluno erra ao escrever certa palavra. A fim de corrigir tal deficiência, é preciso saber, além disso, se êsse aluno comete o mesmo erro em outras palavras semelhantes,

bem como a causa ou origem da dificuldade. Embora até aqui se tenha prestado mais atenção ao diagnóstico das dificuldades ou deficiências que ocorrem nos ramos instrumentais (Aritmética, Leitura, Escrita), pelo fato de serem tais ramos básicos para o êxito escolar, também se elaboraram provas diagnósticas para o estudo das deficiências em matérias tais como a História, a Geografia e as várias ciências.

Determinação da causas

Uma vez conhecidas as deficiências ou dificuldades específicas encontradas por um determinado aluno, passa-se a procurar o seu porquê, isto é, suas causas. A compreensão de tais causas é talvez mais importante que a localização ou a descrição das dificuldades. Por seu caráter técnico, esta fase do processo diagnóstico confia-se geralmente ao psicólogo escolar ou a professores que possuem a preparação especializada para tão delicada tarefa. Em grandes sistemas escolares, esta tarefa realiza-se principalmente em suas diversas clínicas.

A fim de ilustrar o procedimento que se segue neste caso, apresentaremos o exemplo de um aluno deficiente em Leitura.

O estudo diagnóstico de tal caso compreende geralmente a aplicação de várias provas psicológicas, além das mencionadas anteriormente, um exame físico praticado pelo médico escolar ou da família, e uma entrevista com os pais pelo psicólogo. Nos casos em que o exame clínico sugere a possibilidade de defeitos orgânicos, o cliente deve submeter-se ao exame de outros especialistas. Para dar uma idéia de tudo o que pode abranger o estudo diagnóstico do caso de referência, indicamos a seguir os fatores, aos quais possivelmente obedece a dificuldade de ler.

Causas Físicas — 1) Defeitos da vista, tais como agudeza visual deficiente num ou ambos os olhos; desequilíbrio dos músculos do olho; falta de coordenação nos movimentos oculares. Para a determinação de cada um destes defeitos exist-

tem os respectivos aparelhos mecânicos ou auxiliares de qualquer outra ordem. — 2) Defeitos do ouvido: deficiência na capacidade de ouvir por um ou ambos ouvidos; incapacidade de perceber sons de certa intensidade ou de distinguir os diferentes sons da linguagem falada. — 3) Defeitos motores: perturbações nervosas, provenientes de lesões, ocasionadas com o nascimento ou pela paralisia infantil; coordenação cerebral incompleta ou insuficiente, como ocorre no caso dos ambidestros e estrábicos; finalmente, falta de coordenação muscular geral. — 4) Defeitos vários: falta de vigor físico, desnutrição, irregularidades ou distúrbios glandulares, susceptibilidade à fadiga, etc.

Causas Intelectuais — 1) Inteligência inferior. Além das provas coletivas de inteligência, deve-se aplicar aos alunos seriamente atrasados em Leitura uma prova individual, tal como a Revisão à Prova Stanford-Binet. Em alguns casos convém aplicar também uma prova de execução. — 2) Incapacidades especiais tais como deficiência de ordem linguística, memória fraca, etc.

Causas Emocionais — 1) Imaturidade e instabilidade emocional, timidez excessiva, nervosismo, excitabilidade e hipersensibilidade. — 2) Obsessões, temores e ansiedade. — 3) Antipatia a respeito das atividades escolares em geral ou da Leitura em particular. Tal atitude pode ser resultado de alguma experiência desagradável com a mesma. — 4) Defeitos de linguagem, os quais podem ser de origem física ou emocional. Como não há nada que impeça tanto o progresso escolar como os defeitos de linguagem, os alunos em que se notarem os mesmos devem ser tratados por especialistas na matéria.

Causas Educativas — 1) Preparação insuficiente do aluno: iniciação na Leitura antes de alcançar o nível mental necessário, pobreza de vocabulário devida em muitos casos à falta de experiência fora de lar, etc. — 2) Deficiências da escola: agrupação inadequada dos alunos, classes muito numerosas, livros ou materiais de Leitura impróprios, descuido dos casos individuais que impedem que o professor

adapte o ensino à necessidade de sua classe, falta de ensino corretivo, luz insuficiente, etc. — 3) Deficiências do professor: falta de conhecimento acerca da variedade de métodos para o ensino de Leitura; ênfase demasiada num aspecto determinado da Leitura com o descuido conseqüente de outros aspectos, como, por exemplo, excessiva insistência na rapidez e descuido da compreensão ou vice-versa; tendência a fazer uso de um só método com exclusão de outros; descuido das necessidades individuais; falta de habilidade para adaptar os métodos e materiais de ensino a essas necessidades; incapacidade para despertar nas crianças interesse pela Leitura; finalmente, descuido das deficiências das mesmas causadas por assistência pobre ou irregular.

Causas ambientais — Da entrevista com os pais o psicólogo escolar pode obter muitos dados valiosos a respeito dos seguintes fatores: baixo nível cultural no lar; pobre vocabulário nos membros da família; falta de interesse na Leitura e em toda atividade de ordem cultural ou intelectual; antagonismo para com as coisas do intelecto; falta de cooperação entre o lar e a escola, e estreiteza de interesses.

O ensino corretivo

A correção da maioria das deficiências está dentro das possibilidades do professor formado, especialmente se este conta com os serviços de uma clínica, à qual se possa confiar a tarefa de fazer os estudos diagnósticos do caso. Muitas das deficiências dos alunos não revestem nenhuma seriedade, sobretudo se se descobrem a tempo e podem, por isso, ser corrigidas pelo mesmo professor. É possível conseguir, se o horário das aulas fôr preparado de maneira a permitir dedicar um período diário aos alunos que requerem atenção especial, quer individualmente, quer em pequenos grupos.

Sem embargo, em toda escola há de encontrar-se sempre um certo número de alunos consideravelmente atrasados, cujas dificuldades são de natureza tão complexa que, para



Grupo Escolar de Bicas.
Diplomandas de 1925.

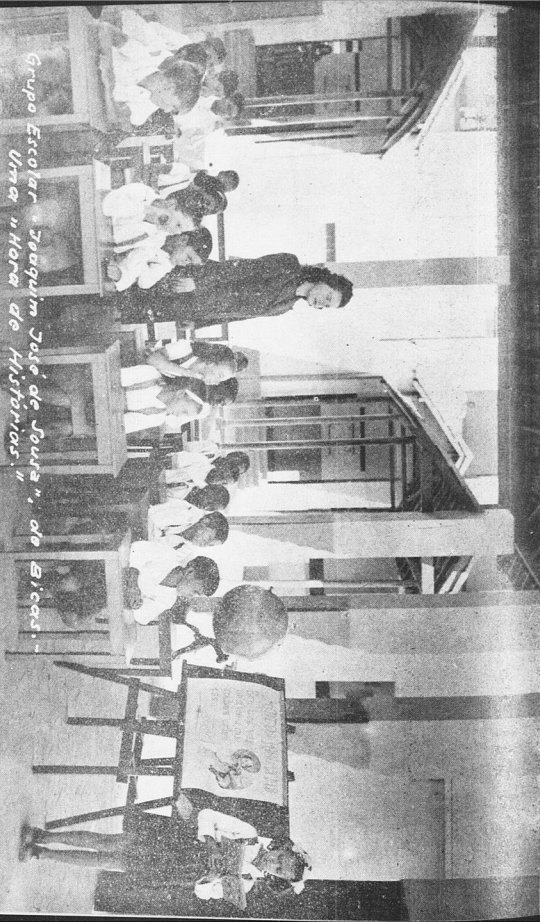
a devida correção das mesmas, se requerem os serviços especializados de peritos na matéria. Muitas escolas modernas contam com tais serviços. Em alguns sistemas escolares grandes, em vez de nomear-se um psicólogo ou professor especializado no ensino corretivo para cada escola, funciona uma clínica central que se encarrega de todos os casos de diagnósticos difícil como de reajustamento especial.

Visto não haver dois alunos que tropecem exatamente com as mesmas dificuldades, o ideal seria que o programa de ensino corretivo fôsse estritamente individual. Não obstante, se os casos forem numerosos, é possível distribuí-los em grupos pequenos de acôrdo com a idade cronológica, a idade mental, o aproveitamento escolar, a madureza social e as necessidades específicas. O ensino corretivo efetuado dessa maneira deve sempre ser complementado com a atenção individual.

Embora o programa de ensino corretivo tenha, indubitavelmente, de adaptar-se às condições particulares de cada escola ou sistema escolar, há certos princípios gerais cuja aplicação pode contribuir para tornar tal programa mais eficiente. Entre estes princípios, sugerimos os seguintes:

- 1) Discuta-se com o aluno, em termos que lhe sejam inteligíveis, a natureza específica de suas dificuldades. Muito se consegue quando o próprio aluno compreende suas deficiências e a possibilidade de corrigi-las com o auxílio do mestre.
- 2) A fim de conseguir que o aluno adquira confiança em suas próprias capacidades é conveniente que os primeiros exercícios corretivos sejam de fácil compreensão e execução. O êxito do primeiro esforço estimula consideravelmente o interesse do aluno.
- 3) Dificuldades específicas devem remediar-se com exercícios específicos. Isto quer dizer que não se deve perder tempo na prática de processos já aprendidos e dominados.

Grupo Escolar "Instituto José de Sousa", de Bicas.



4) O material do ensino corretivo não só deve adaptar-se às necessidades e dificuldades de cada aluno mas também deve ser de interesse para o mesmo.

5) Faça-se um registro pormenorizado dos progressos realizados pelo aluno. Em tal registro anotam-se os resultados das provas adicionais que se apliquem periodicamente bem como qualquer outra informação de importância. A participação do aluno na preparação de seu próprio registro estimula-o a fazer o maior esforço possível.

6) Persuada-se também o aluno a tomar parte no diagnóstico de suas próprias dificuldades. Mediante esta participação, consegue compreender as causas de sua deficiência e desfazer-se dos complexos de impotência ou frustração que impedem seu progresso.

7) A fim de obter os melhores resultados, o ensino corretivo deve realizar-se no momento em que o aluno se encontrar livre da fadiga ou do cansaço que produzem certas atividades escolares. Os períodos que se dediquem a tal ensino devem ser curtos e espaçados inteligentemente.

8) Nos casos em que a dificuldade do aluno seja devida em parte a certo defeito físico, este defeito deve remediar-se ao mesmo tempo em que se realize o programa corretivo.

9) O ensino corretivo eficaz auxilia o aluno a resolver os problemas de ordem afetiva e a modificar as atividades indesejáveis que amiúde complicam suas dificuldades. Por isso, deve considerar-se ao mesmo tempo como uma tarefa profilática de higiene mental.

10) Esta tarefa de higiene mental deve estender-se aos pais e demais parentes do aluno. Deve-se acentuar freqüentemente aos pais que os problemas de seus filhos não são devidos à preguiça ou desídia destes; que as crianças que troquem com dificuldades precisam de estímulo, tolerância, simpatia e apoio moral em vez de repreensões, crítica e castigos; que, para o ensino corretivo, se requer preparação especializada; finalmente, que a melhor cooperação que po-

dem prestar à escola não é tratar de instruir seus filhos em casa, mas de assumir uma atitude favorável em relação ao problema particular destes.

11) O ensino corretivo é essencialmente experimental e, portanto, não pode submeter-se a fórmulas rígidas nem a pautas rotineiras. O psicólogo escolar ou professor especial que o exercer, requer uma boa dose de perspicácia, flexibilidade e inventiva que o capacite para despertar interesse nos alunos, manter o entusiasmo dos mesmos e conceber novos métodos, quando os empregados não dão os resultados almejados.

Prevenção de dificuldades

A prevenção de dificuldades é indiscutivelmente o resultado mais importante que se pode conseguir através de um programa eficiente de diagnóstico. Ao passo que o ensino corretivo beneficia somente um número limitado de educandos, a tarefa preventiva, baseada nos resultados de descobrimento de dificuldades, suas causas e processos corretivos, determina o melhoramento de métodos e práticas escolares, o que por sua vez redundará em proveito de todos os alunos.

Se não se remediarem, os fatores e processos educativos, que se revelaram até aqui deficientes, poderão continuar a causar as mesmas dificuldades no futuro.

No terreno do ensino, como no da medicina, é mais fácil, mais prudente e, no fim de contas, mais econômico prevenir que remediar. Por isso, este aspecto do programa de diagnóstico deve receber todo o impulso e apoio necessários.

MARGARET HALL

Formação do magistério secundário

LOURENÇO FILHO

(Da Faculdade Nacional de Filosofia)

Todo e qualquer problema pedagógico apresenta dois aspectos capitais: um, de ordem filosófico, ou referente aos "fins"; outro, de ordem técnica, ou relativo aos "meios". O problema da formação do professorado secundário, que aqui se debate, não escapa à regra. Que fins devemos ter em vista, ou, no caso, que tipo de professor devemos desejar para o Brasil?... Eis a primeira indagação a satisfazer. Sem que se lhe dê adequada resposta, ou, sem que sobre este ponto nos entendamos, de modo claro, nossas discussões são de perder-se, sem alvo certo, nem método.

Mas a pergunta contém, em si mesma, uma outra, que é esta: qual o tipo de "educação secundária" a dar a nossos jovens?... Tal seja a resposta, assim será também o tipo do professor que devemos formar, porque, em última análise, a êle é que compete a tarefa, com sua atuação cotidiana e direta, com a compreensão de valores que tiver, com a compreensão da juventude que possuir, e os recursos didáticos que saiba empregar.

Tipos de educação secundária

Não caberá aqui maior estudo das funções do ensino secundário. Pode-se afirmar, no entanto, que, em tôda a sua evolução, tem êle, apresentado duas grandes feições principais — reflexas, que são, por sua vez, de duas filosofias so-

ciais bem distintas. Uma, é a tradicional, de tipo intelectualista, individualista e naturalista da educação. Outra, que exalta a função socializadora e a função ética, que a educação da juventude em nossa época reclama.

A primeira se traduz em sistemas limitados e aristocráticos. O ensino secundário é, então, o de uma minoria, daquela que, favorecida da fortuna, pode chegar à universidade. Nada mais. Seu fito é o de ensinar matérias — a língua, a matemática, idiomas estrangeiros, ciências. Seu feito são os exames, de que davam excelente medida os de "bachot", na França.

A segunda preconiza sistemas extensivos e democráticos. A escola secundária deixa de ser aprendizagem fragmentária, e de concepção egoística de uma classe, para tornar-se órgão de educação comum, popular, a todos aberta. Seu fim já não é preparar tão somente para a universidade, mas, sim, para tôda e qualquer carreira que esteja a exigir maiores fundamentos que os do ensino primário. O curso passa a ser dividido em ciclos, com obrigatória articulação com o ensino profissional, comercial, agrícola, normal, enfim, todos os ramos de 2.º grau.

Os fins daquele tipo tradicional era o de servir e preservar uma elite, fundada na posição e no dinheiro. Os fins dêste outro tipo é o de servir a todos os grupos sociais, levando-os a exprimir numa vigorosa e esclarecida leve-média, que se alimente de reais valores humanos, venham de onde vierem, e sobre a qual e, só então, se poderá sustentar uma autêntica elite. A escola secundária torna-se centro de encaminhamento profissional, de formação moral e cívica, de compreensão da vida social.

O tipo tradicional, de fundo aristocrático, é o europeu — de antes da guerra, é claro. Basta ver a êste respeito as profundas modificações da educação na Inglaterra, e a recente reforma Langevin, na França. O tipo contemporâneo, ou de feição democrática, é americano — norte-americano, sobretudo. A "high-school" o encarna.

No Brasil

No Brasil, tivemos, no império e na república, o primeiro tipo. Com as reformas Campos e Capanema, enveredamos depois para o segundo. Apesar de tudo, e, principalmente, da falta de estabelecimentos públicos, de ensino gratuito, passamos de cinqüenta mil alunos a mais de 220 mil. A reforma Capanema articulou o ensino secundário com o comercial, o profissional-técnico, o normal, o de serviço social. Excelente projeto existe também para o ensino agrícola. Tôda a ação de educadores, e associações de educadores, se tem exercido neste sentido. E o discurso, sôbre educação, do Sr. Presidente Eurico Dutra, proferido na Bahia, bem interpretando essa tendência, acentua o caráter social que deve ter a educação secundária em nosso país.

Não há pois que discutir êste ponto. O que temos a fazer é aperfeiçoar o sistema, e extendê-lo, democraticamente. E, em matéria de formação dos professores, o que temos a fazer, se quisermos ser coerentes, é formá-los segundo a boa compreensão social e humana da educação da juventude.

Não há de bastar, para isso, que o professor apenas saiba a disciplina que tenha de ensinar. Tal concepção está perenipia e se tornaria estranho sustentá-la. Não há também que imaginar que lhe bastem alguns elementos de psicologia do ensino — e falo, muito insuspeitamente, e talvez com algum conhecimento de causa, pois tenho sido professor dessa especialidade, há vinte e seis anos, precisamente sempre em institutos de formação de magistério primário e secundário. Não há ainda que supor que lhe bastem alguns exercícios de didática, em velho estilo. Não. O que há a fazer é formar o professor com ampla cultura geral, com a necessária preparação da sua especialidade, sem dúvida, mas, com tudo isso, e para que isso valha, com a “compreensão social” dos novos tempos, com os elementos que lhe fazem entender a juventude e os problemas sociais, morais, cívicos e humanos, que ela hoje defronta, mais que nunca.

Em duas palavras: a escola secundária atual não admite apenas “lente”, o mero repetidor de compêndios, o expli-

cador. Reclama e exige um “verdaediro educador”. Não é mais ginásio intelectualista, para fins egoísticos de uma classe. É ampla oficina social, que deve reconhecer e encaminhar todos es elementos, segundo suas capacidades e interesses, formando personalidades conscientes e ativas, para benefício individual e coletivo. A educação de segundo grau deve ser, nesse sentido, instrumento de prevenção e de organização, envolvendo a escola secundária, prôpriamente dita, e todos os ramos profissionais do mesmo nível.

Nada disto é inteiramente novo, nem nada disto está sendo criado agora. No mundo social, como no mundo biológico, não há geração espontânea. A educação não é alguma coisa que se justaponha, por arbítrio do administrador, à estrutura da existência coletiva. Antes, há de resultar dela, e há de ser bem interpretada, em suas tendências, para melhor e mais produtivo esforço no encaminhamento das novas gerações.

Dos grandes estudos

O problema da formação do professor secundário é, assim, novidade velha, e, também, questão que não tem interessado apenas, a um outro país, mas a todos. É universal.

Não será oportuno tentar o histórico da questão. Vou apenas relembrar dois grandes documentos de estudo relativo ao assunto: o inquérito mundial, publicado, em 1935, pelo “Bureau International d'Éducation”, de Genebra, e que serviu de tema à IV Conferência Internacional de Instrução Pública; e o exaustivo “survey” nacional, levantado pelo “Office of Education” dos Estados Unidos, publicado, também no mesmo ano de 1935, em seus nutridos volumes.

Quanto ao primeiro desses documentos, (porque sei que illustre professor, inscrito neste simposium, nêle se deterrá), direi apenas que traz informações relativas a 51 países. Em 46 desses, havia preparação específica do professor secundário. (Depois disso, vários outros passaram a tê-la, como o nosso e a República do Paraguai, por exemplo).

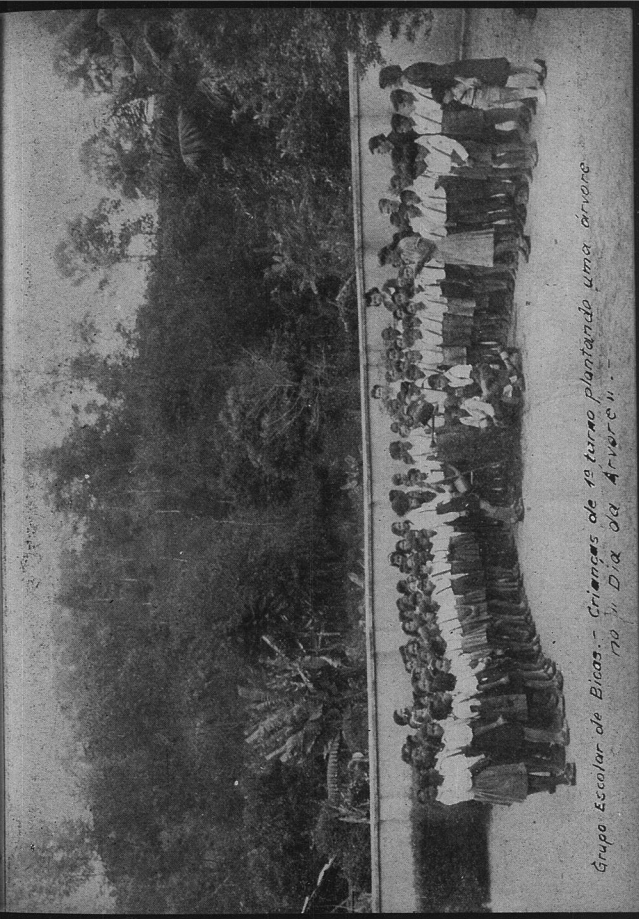
A página 23, lê-se o seguinte: "Há opinião, muito difundida, que pretende que estudos aprofundados garantem ensino eficiente, que um homem bem preparado, do ponto de vista científico seja, necessariamente, bom professor. A experiência tem provado que nem sempre é esse o caso, e que o erudito não é sempre verdadeiro educador". Na página seguinte, lá está este trecho: "A preparação pedagógica é exigida por todos os países que nos responderam, salvo a China. Em certos países ela não é obrigatória (Espanha, Inglaterra), ou não era exigida senão de certas categorias de professores, por exemplo aos candidatos à agregação (França), ou aos candidatos portadores de certificado de madureza, salvo se já possuírem o diploma de professor primário (Suíça, Berne)".

Claro está que, em estudo sobre países de diferente organização política e social, e da mais diversa direção de cultura, os esquemas são variados. Mas a documentação é bastante expressiva, e os trechos citados mostram que o ideal é sempre o de formação pedagógica, mesmo na França, para os "agregados", isto é, para os seus professores mais qualificados.

Estudo muito mais amplo, mais profundo e documentado, por todos os aspectos, é o inquérito nacional, dos Estados Unidos. Não será necessário dizer de sua importância, procedendo, como procede, de um país que tem mais alunos, em suas escolas secundárias, que quase todos os demais países no mundo, (salvo a Rússia, de que não temos informações recentes); e que é, ninguém o negará, o maior laboratório pedagógico, e a maior tentativa democrática já ensaiados no mundo.

Não será possível fazer aqui o devido comentário ao "survey" referido, iniciado em 1928, publicado em 1935, e que resume informações de nada menos que meio milhão de questionários, além do estudo de obras de doutrina, relatórios e outros documentos. Iremos, pois, direito ao sexto volume, que é o de "resumo e interpretação".

Lá está à página 170, o seguinte: "O mínimo de estudos profissionais de professor secundário deverá ser de 3 anos



Grupo Escolar de Bicas. - Crianças de 1º turno plantando uma árvore no 1º Dia da Arvore II.

acima do "junior college". Torna-se claro, portanto, que a preparação profissional deverá vir após o curso de formação geral.

À página 173: "O programa de preparação dos professores deve atender aos seguintes sete pontos de sua educação profissional:

- a) orientação profissional, ou seja, a relação da educação e a vida social, e as possibilidades abertas no serviço educacional;
- b) disciplina de preparo educacional, com os conceitos e técnicas fundamentais, mais frequentemente utilizadas;
- c) compreensão do aluno a ser educado;
- d) conhecimento dos métodos de ensino, em cada disciplina, e nos níveis de ensino previstos;
- e) conhecimento da organização e do governo da classe;
- f) aquisição de capacidade mínima de ensinar com segurança, adquirida através de observação, participando e trabalho real na escola;
- g) uma filosofia viva, ou atuante ("working philosophy") da educação e compreensão das relações existentes entre o indivíduo e a sociedade".

Este caráter de compreensão social da escola está acen tuado, aliás, em todo o volume, dada a feição da educação secundária norte-americana, bem distinta, na época, do ensino européu. E digo àquela época, porque os que conhecem a recente reforma da Inglaterra, e, a reforma de Langevin, na França, sabem perfeitamente que, mesmo lá, essa compreensão social agora domina.

Mas, para que se veja, ainda, quanto é importante o problema, examinaremos, agora, embora também de passagem, o admirável estudo que, sobre todo este exaustivo inquérito, produziu a "The National Society of College Teachers of Education", e publicado com o XXXIII volume de seus anais. Não se sabe, a bem dizer, qual de seus capítulos é o mais interessante. No primeiro, que é de ordem geral, há a destacar as recomendações sobre "seleção inicial" e "rígido sistema de exclusão, durante o curso, para todos quantos não re-

valem as necessárias qualidades a exigir-se num futuro educador. O III, subscrito por duas grandes autoridades, como realmente são William Gray (Chicago) e Thomas Alexander (Columbia), refere-se ao currículo. E diz, em essência, o seguinte: (pág. 73 a 126):

a) o programa de formação do professor, para qualquer grau de ensino, deverá estar baseado nas suas necessidades como indivíduos, como cidadãos, e como membros do magistério;

b) a preparação, em tôdas as carreiras de formação em nível universitário, pressupõe certa base de cultura geral. Assim, também, o magistério. E, nessas condições, não se deverá fazer a preparação geral, científica, artística ou literária, simultaneamente — mas, sim, em dois períodos sucessivos;

c) a educação geral não deverá ser unilateral, mas, há de dar, com aprofundado estudo da disciplina escolhida, o conhecimento e a apreensão dos grandes problemas da civilização, tais como os do padrão de vida, do ajustamento ao meio físico e social, de cooperação e solidariedade humana, etc.;

d) o ensino deverá assegurar perfeita correlação entre a teoria e a prática.

"A prática do ensino"

O capítulo IV é todo dedicado à "prática do ensino". Começa por lembrar que, num inquérito promovido por duas grandes universidades, a de Mississipi e a de Michigan, entre milhares de professores, por elas formados, havia esta pergunta: "Qual a disciplina que lhe parece, agora, depois de tirocínio escolar, a mais útil de seu curso?" A resposta generalizada foi sempre, "a prática do ensino". E' claro que, nessas universidades fez-se boa prática, sob a forma de "directed teaching", em escolas de demonstração devidamente aparelhadas. Também há nos Estados Unidos, prática de ensino

deficiente. Mas há excelente trabalho no gênero, em numerosas escolas, como tivemos ocasião de observar, pessoalmente, em 1935.

A boa prática não é, como muita gente pensa, a observação de aulas dadas por um professor, afim de serem copiadas, em outra situação, em outro momento, com outros alunos. Visa, muito mais que isso, a integração geral dos conhecimentos técnicos recebidos. E é também, por essa forma, o "tratamento profissionalizado" da matéria a ser ensinada, ou melhor, a ser aprendida pelos alunos, em boa situação educativa, com a sua adequação a cada caso particular, da classe, do aluno, do momento.

Pensam alguns que esse "tratamento" possa ser feito pelo próprio professor especialista da disciplina, o professor de línguas, de ciência, de matemática, de geografia ou história. Mas só por acaso feliz encontrar-se-á, no especialista de ensino superior, preparação e aptidão pedagógica para o caso. De modo geral — e é o trabalho da "The National Society of College Teachers of Education" quem o diz — essa função deverá caber a especialistas "doublés" de técnicos em pedagogia.

O capítulo salienta as "petti jealousies" entre professores da parte acadêmica e professores de prática... Aqueles vêm, sobretudo, a parte lógica, ou conceitual, a erudição ou as formas finais de expressão e não as formas de "motivação" do conhecimento, a sua crescente organização psicológica, e ainda, o sentido educativo de cada tentativa, de cada esforço no ato de aprender. Por outro lado, podem não possuir ainda o treino necessário à sua delicada tarefa. Mas a questão não é insolúvel, desde que haja bom recrutamento de pessoal, firme direção e uma escola de demonstração devidamente aparelhada. Dou o meu testemunho pessoal de casos brasileiros quer no ensino primário quer no secundário, e que levaram à formação de professores capazes, entusiastas, com espírito criador e segura visão educativa.

Mas, tudo isto já foi aqui dito e redito, por vários dos ilustres professores que me precederam nos debates. No fun-

do, todos os que conhecem de perto o problema estão de pleno acôrdo, neste ponto. Não há professor sem formação pedagógica, como é claro, não há professor sem conhecimento conceitual, para a sua própria cultura, e conhecimento, noutras bases, para que a especialidade possa servir como instrumento de educação, de formação da personalidade e de ajustamento social do aluno. Na verdade, o professor secundário, sobretudo nas classes iniciais, deve servir-se da disciplina a seu cargo para formar o espírito, para desenvolver hábitos e atitudes convenientes, não, e simplesmente, para fazer decorar a geografia, a história, ou a matemática.

O verdadeiro ponto do debate

Mas, se assim é, se assim estamos todos de acôrdo, que é que, afinal se discute... Aqui chegamos ao ponto concreto, à inovação posta no Decreto-lei n.º 9.092, de 26 de março último. Tal inovação terá resultado do exame das condições reais em que se vem processando a formação do professorado secundário, nas faculdades de filosofia do País?... Houve alguma observação detida, algum inquérito, alguma pesquisa?... Falaram os diretores de estabelecimentos de ensino secundário onde êsses professores já hajam servido?... Falaram êles próprios?... Falaram os professores das secções de pedagogia e de didática?...

Bem sabemos que não. Porque, então se amputou a formação pedagógica, retirando-se-lhe grande parte, e, até mesmo, a de estudos sociais aplicados à educação, tão necessários?... A explicação, pesa-me dizê-lo, é verdadeiramente paradoxal. Não se reduziu a parte pedagógica, porque fôsse ela demasiada, ou porque fôsse inútil, ou porque fôsse prejudicial. Reduziu-se essa parte, que é dada num curso especial, o de didática, cor, conteúdo e substância própria, a fim de que, nêle se intromettessem, contra tôdas as boas normas, estudos de especialização técnica, sem qualquer relação com o magistério... Comprimiu-se a parte pedagógica, para que se prolongassem estudos científicos, ou literários, ou filo-

sóficos, que nada terão a ver com o problema estrito do magistério.

Na realidade, a origem foi esta: ilustres professores de diversas especialidades dos cursos de bacharelado, na Universidade de São Paulo, desejaram o desenvolvimento de estudos a seu cargo. Nada mais legítimo, nada mais útil, nada mais patriótico. Mas, para isso, seria necessária mutilar o curso de didática?... Absolutamente não. O Decreto-lei n.º 1.190, de 4-4-930, que deu organização às faculdades de filosofia, já prevê, claramente, a espécie, com os cursos de aperfeiçoamento, os cursos avulsos, e ainda, os estudos de doutorado. Por êles, tal a sua flexibilidade, os estudos de cada ramo, nessas faculdades, não têm termo fixado. Podem entender-se tanto quando se queira, quando convenha.

Pois, com esquecimento disso, confundiu-se lamentavelmente o curso de didática, como se êle fôra um "quarto ano" obrigatório de estudos. Onde há duas portas só se viu uma. Entendeu-se que haveria interrupção, nos estudos, aos que desejassem cursos mais altos que os de bacharelado, porê que estariam êles obrigados a um ano de didática, ali estranhamento interposto... Entendeu-se ainda, que uma das funções "mais importantes das faculdades de filosofia" seria a de formar especialistas, com sentido técnico-profissional...

Estas afirmações constam de documento oficial, a "exposição de motivos" que acompanhou o projeto do Decreto-lei n.º 9.092, e que é subscrita pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação, o preclaro professor Ernesto Sousa Campos, que tenho a honra de contar, e de longa data, como meu prezadíssimo amigo. Quero crêr que S. Excia. foi mal informado pelos técnicos a que tenha cometido o estudo do assunto.

Realmente, não há nenhum "quarto ano de estudos" nas faculdades de filosofia. Há o bacharelado, em três; há o de didática, em um. E' o que está na lei. Do bacharelado para os cursos de aperfeiçoamento e os cursos avulsos, e dêstes, para estudos que conduzam ao doutorado, não há,

também, nenhuma interrupção obrigatória. Dizer-se, ademais, que o prazo de um ano é "excessivo" para a formação pedagógica do professor secundário, quando, para idêntica formação do professor primário exigem dois e até três anos, é que me parece excessivo.

Foi mal informado, sem dúvida alguma, o Exmo. Sr. Ministro da Educação. E, ao movimento de opinião, representado por este "symposium", estou certo, S. Excia. não ficará indiferente. E não ficará, porque homem de segura compreensão de suas responsabilidades, há de sentir que a mutilação da preparo pedagógico do professor secundário representará a própria mutilação do espírito social dêsse grau da educação, tão bem assinalado no discurso presidencial da Bahia.

O dilema de Truman

No convulso mundo de hoje, terríveis problemas assombram os povos. Mil remédios se apontam, mas, na construção duradoura da paz e do progresso só um é eficaz e esse é o da educação do povo, e em especial, o da educação da juventude. Foi o que ainda há poucos dias afirmou, com incontestável autoridade, o Presidente Truman, quando apresentou este doloroso dilema: "Educação, ou bomba atômica."

Em face da alternativa, escolhem os povos, e haremos nós mesmos, brasileiros, de escolher."

LOURENÇO FILHO

(Tradução de "O JORNAL", de Rio).

CONSELHOS DA SAÚDE PÚBLICA

Prevenção de Higiene

É necessário que o médico seja periodicamente consultado por todos os que se dedicam a exercícios desportivos.

(Do Serviço de Propaganda e Educação Sanitária)

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA

OFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

1948

Original
Préço: